



**CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO
CIÊNCIAS DA NATUREZA E MATEMÁTICA / CIÊNCIAS
AGRÁRIAS**

MARIA BRENA DE SOUSA SILVA

**A CASA DO DOCE: GRUPO DE MULHERES QUILOMBOLAS SANTANA,
SÃO LUÍS GONZAGA DO MARANHÃO E SUA EMANCIPAÇÃO ECONÔMICA**

BACABAL-MA

2025

**CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO
CIÊNCIAS DA NATUREZA E MATEMÁTICA / CIÊNCIAS
AGRÁRIAS**

MARIA BRENA DE SOUSA SILVA

**A CASA DO DOCE: GRUPO DE MULHERES QUILOMBOLAS SANTANA,
SÃO LUÍS GONZAGA DO MARANHÃO E SUA EMANCIPAÇÃO ECONÔMICA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura em Educação do Campo da Universidade Federal do Maranhão, Centro de Ciências de Bacabal, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Educação do Campo com ênfase em Ciências da Natureza e Matemática sob orientação do Professor Dr. Pedro Henrique Gomes Xavier.

BACABAL-MA

2025

MARIA BRENA DE SOUSA SILVA

**A CASA DO DOCE: GRUPO DE MULHERES QUILOMBOLAS SANTANA,
SÃO LUÍS GONZAGA DO MARANHÃO E SUA EMANCIPAÇÃO ECONÔMICA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura em Educação do Campo da Universidade Federal do Maranhão, Centro de Ciências de Bacabal, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Educação do Campo com ênfase em Ciências da Natureza e Matemática.

Aprovado em: 15/05/2025

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Pedro Henrique Gomes Xavier – Orientador(a)
Universidade Federal do Maranhão

Profa. Dra. Elizana Monteiro dos Santos – 1ª Membro
Universidade Federal do Maranhão

Profa. M.a. Maria Leomar Pereira de Sousa – 2ª Membro
Universidade Federal do Maranhão

Esp. Luiza Natalia Macedo Marinho – 3ª Membro
Universidade Federal do Maranhão

BACABAL-MA

2025

RESUMO

A presente monografia analisa a trajetória do Grupo de Mulheres Santana, localizado na comunidade quilombola Santana do Adroaldo, no município de São Luís Gonzaga do Maranhão, com ênfase na luta por emancipação econômica, emancipação feminino e reconhecimento social. O estudo parte da constatação de que, historicamente, as mulheres, especialmente as negras e quilombolas, enfrentam múltiplas formas de desigualdade e invisibilidade, tanto no espaço doméstico quanto na sociedade, demarcado por estruturas patriarcais e racistas predominantes no campesinato. A pesquisa utiliza abordagem qualitativa, com entrevistas, rodas de conversa e questionários, além de pesquisa documental e de campo. O grupo, formado majoritariamente por mulheres quebradeiras de coco babaçu, foi criado em 1985 após conflitos de terra e iniciou suas atividades com a produção de compotas de manga, posteriormente para a fabricação de licores e geleias. A organização coletiva proporcionou não apenas alternativas de geração de renda, mas também o fortalecimento da identidade quilombola e a valorização da mulher na comunidade. Os resultados evidenciam que, apesar das estruturas patriarcal e racista, como a falta de políticas públicas, o machismo estrutural e a sobrecarga de trabalho doméstico, as mulheres do grupo conquistaram avanços significativos, como a realização do Festivais, a reforma da fábrica e a participação em programas de formação. O grupo se apresenta como agente de transformação social, promovendo a autonomia financeira, a preservação ambiental e o compartilhamento de saberes ancestrais. Contudo, desafios persistem, especialmente no que se refere ao reconhecimento institucional, o apoio do Estado e à superação de barreiras culturais e econômicas.

Palavras-chave: Mulheres quilombolas. Emancipação econômica. Gênero.

RESUMEN

La presente monografía analiza la trayectoria del Grupo de Mujeres Santana, publicado en la comunidad quilombola Santana do Adroaldo, en el municipio de São Luís Gonzaga do Maranhão, con énfasis en la lucha por la emancipación económica, el empoderamiento femenino y el reconocimiento social. El estudio parte de la constatación de que, históricamente, las mujeres, especialmente las negras y quilombolas, enfrentan múltiples formas de desigualdad e invisibilidad, tanto en el espacio doméstico como en la sociedad, marcada por estructuras patriarcales y racistas predominantes en el campesinado. La investigación utiliza un enfoque cualitativo, con entrevistas, círculos de conversación y cuestionarios, además de investigación documental y de campo. El grupo, formado mayoritariamente por mujeres quebradoras de coco babaçu, fue creado en 1985 tras conflictos de tierras e inició sus actividades con la producción de compotas de mango, expandiéndose posteriormente a la fabricación de licores y mermeladas. La organización colectiva proporcionó no solo alternativas de generación de ingresos, sino también el fortalecimiento de la identidad quilombola y la valorización de la mujer en la comunidad. Los resultados evidencian que, a pesar de las estructuras patriarcales y racistas, como la falta de políticas públicas, el machismo estructural y la sobrecarga del trabajo doméstico, las mujeres del grupo lograron avances significativos, como la realización de festivales, la reforma de la fábrica y la participación en programas de formación. El grupo se presenta como agente de transformación social, promoviendo la autonomía financiera, la preservación ambiental y el intercambio de saberes ancestrales. Sin embargo, persisten desafíos, especialmente en lo que respecta al reconocimiento institucional, el apoyo estatal y la superación de barreras culturales y económicas.

Palabras clave: Mujeres quilombolas. Emancipación económica. Género.

AGRADECIMENTOS

Com profunda gratidão, agradeço primeiramente a Deus por me permitir chegar até aqui. Quero também expressar minha profunda gratidão à minha mãe, Antonia Dalva de Sousa Silva; ao meu pai, Benedito da Silva; e aos meus irmãos, Denis de Sousa Silva e Bruna de Sousa Silva, que me apoiaram e estiveram ao meu lado desde o início deste processo.

Agradeço em especial ao Grupo de Mulheres Santana, que me acolheram tão bem por fazerem parte desta pesquisa e por compartilharem suas histórias comigo.

Agradeço imensamente ao meu orientador, Prof. Dr. Pedro Henrique Gomes Xavier, pela excelente orientação, dedicação, apoio e paciência durante a elaboração deste TCC.

Agradeço ao ex-tutor do PET, Dr. Emerson Dalla Chieza, pois foi através do Seduca e dos seus ensinamentos que dei início a esse projeto.

Quero agradecer em especial a Ana Cristina Santos Mendes, Mayara Soares Sousa, Mirella da Silva Lopes, Juliana Salazar Austriaco e Jhúlio da Conceição Santos por estarem comigo desde o início, me incentivando a não desistir e segurando minha mão em todos os momentos.

A todos(as), meus sinceros agradecimentos.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	9
1.1. Justificativa	11
1.2. Objetivos	12
1.3. Metodologia	12
1.3.1. Procedimentos de Coleta de Dados	14
1.3.2. Análise dos Dados	15
2. A HISTÓRIA DE VIDA DA PESQUISADORA E A RELAÇÃO COM A PESQUISA	16
3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	20
3.1. DIVISÃO DE GÊNERO NO TRABALHO: uma luta histórica que precisa ser superada.	20
3.2. A Importância Da Organização Das Mulheres Quilombolas	30
3.3. Contexto Histórico das Lutas e Resistência de Mulheres Quilombola.	34
4. A PESQUISA: ENTRE LUTAS E SABERES E O PROTAGONISMO DAS MULHERES QUILOMBOLAS DE SANTANA NA CONSTRUÇÃO DE UMA SOCIEDADE SEM O PATRIARCADO.	39
4.1 Gênero e Poder: Reflexões sobre a Construção de Identidades Femininas e contra os Estereótipos de Gênero e Relações Sociais na Comunidade Santana do Adroaldo	41
4.2 Identidade e Luta do Grupo de Mulheres Santana como Sujeitos de Direitos no Cenário Político e Social	52
4.3. Organização econômica e autonomia financeira das mulheres quilombolas Santana	61
CONCLUSÃO	68
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	71

1. INTRODUÇÃO

As questões relativas às mulheres e seus universos, nem sempre foram objetos de preocupação ou reflexão social e científica. Essa herança de invisibilidade sobre o feminino decorre diretamente de uma estrutura marcada pela dominação masculina e pela divisão social do trabalho que resultou em distintas esferas de existência humana. (MARQUES, 2021, p. 3). Com o passar dos anos, a fatia do mercado de trabalho ocupada pelas mulheres aumentou. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), menos de 14% das mulheres tinham emprego nos anos 1950, e o último censo (2010), mostra que esse número passou para 49,9%. No entanto, a quantidade de mulheres empregadas ainda é bem menor quando comparada aos homens, cuja participação caiu. Passou de 80,8% em 1950 para 67,1% em 2010.

Embora as mulheres tenham passado a ter trabalhos remunerados, isso não as isentou do trabalho doméstico. Afinal, geralmente são elas as responsáveis por limpar a casa, lavar as roupas, cuidar dos filhos etc.

De acordo com pesquisa do IBGE (2019), as mulheres gastam o dobro do tempo dos homens em atividades domésticas. Enquanto eles gastam em média 10,9 horas por semana, as mulheres gastam 21,3 horas. Assim, de forma crítica, vão tornando-se evidentes os espaços em que o tradicionalismo nas relações sociais prepondera, subalternizando grupos sociais e reproduzindo valores de perpetuação da dominação e da desigualdade. Espaço rural constitui-se como um dos cenários em que, se por um lado tais desigualdades fundamentadas no tradicionalismo das relações sociais – patriarcais – se evidenciam, por outro lado, torna-se possível a denúncia e os processos de mobilização política e social das mulheres.

No espaço rural, essas desigualdades ficam ainda mais visíveis. Isso é um reflexo de um padrão cultural que ainda existe, onde as mulheres são vistas como responsáveis principais pelos cuidados do lar. Essa situação não é só uma questão de quantidade de horas; ela representa uma forma de dominação e desigualdade que se perpetua ao longo do tempo.

No âmbito do trabalho camponês, as mulheres têm reafirmado sua condição de trabalhadora rural, detentora de uma identidade profissional, qual seja, de agricultura, iniciando o processo de desvinculação exclusiva de sua imagem apenas à figura de “senhora do lar”. Assim, constrói-se a identidade da mulher camponesa sob outra perspectiva, consolidando sua identidade de gênero e classe, ou seja, de mulher trabalhadora camponesa.

Pode-se dizer que em razão da falta de conhecimento da história sobre uma determinada conquista, e as lutas que antecederam ela, as pessoas tendem a não dar o devido valor.

Diante disso, é fundamental abordar a história e as conquistas do grupo de mulheres Santana como parte da justificativa deste trabalho. Um grupo formado exclusivamente por mulheres, composto principalmente por jovens filhas de quebradeiras de coco babaçu, que buscam sua independência financeira e emancipação por meio de uma fábrica dedicada ao processamento e beneficiamento de licor e geleia, carinhosamente chamada de "Casa do Doce".

Ao explorar essa temática, busca-se dar visibilidade a um movimento que desafia as estruturas patriarcais e promove a igualdade de gênero. Além disso, ao analisar as experiências e lutas desse grupo, é possível compreender os desafios enfrentados pelas mulheres na sociedade e contribuir para a construção de um futuro mais inclusivo e igualitário.

A questão que orientou essa pesquisa foi identificar a falta de valorização do grupo de mulheres Santana pela comunidade, devido à falta de conhecimento sobre a história e a importância do grupo para a sociedade, destacando a origem do grupo e a relevância da identidade quilombola para sua formação. Além disso, será analisada a falta de Políticas Públicas que podem ter contribuído para o não reconhecimento da comunidade Santana em relação ao grupo de mulheres, que vem desenvolvendo suas atividades econômicas na fábrica de licor e organizando-se politicamente.

Tendo em vista a desvalorização da própria comunidade sobre a fábrica de licor e o grupo, realizou-se uma pesquisa buscando a origem do grupo, seu ponto de partida, de onde surgem, suas primeiras conquistas e as dificuldades enfrentadas pelas mulheres do grupo desde o início até os dias de hoje. O referido trabalho tem como alvo mulheres quilombolas da comunidade quilombola Santana que está localizada no município de São Luís Gonzaga do Maranhão.

A presente pesquisa foi realizada com o grupo de mulheres Santana, da casa do doce, que tem sua sede na comunidade quilombola Santana, cerca de 24 km de seu município São Luís Gonzaga do Maranhão - MA e cerca de 300 km de sua capital São Luís - MA. Os métodos de pesquisa que foram utilizados, foi a abordagem qualitativa, que foi realizada de duas maneiras, com entrevista, roda de conversa e questionário, onde cada fase da pesquisa

complementa a outra. Além dos instrumentos supra, foi realizada uma pesquisa de campo e documental a fim de levantar os dados necessários.

1.1. Justificativa

Considerando que a trajetória do grupo de mulheres Santana, da casa do doce é uma temática de bastante importância e relevância por se tratar de um grupo composto exclusivamente por mulheres e de comunidade quilombola, onde buscam sua autonomia, reconhecimento e estabilidade financeira. Essas mulheres têm participação na construção de uma sociedade igualitária principalmente no meio onde elas habitam. Lamentavelmente, ainda há desigualdade de gênero, nas comunidades tradicionais e quilombolas não tem uma realidade diferente, então é de suma importância falar sobre um grupo de mulheres que está crescendo, se fortalecendo e ganhando seu devido valor nesse meio.

De acordo com Cardoso e Taveira (2017):

Mulher não é sinônimo de fragilidade ou fraqueza muito pelo contrário nascemos de uma progenitora do sexo feminino, são guerreiras, são domésticas, professoras, lutadoras, arquitetas, motoristas, pilotas, muitas das vezes fazem uma jornada dupla todos os dias porque cuidam da família, da casa, dos filhos, estudam, trabalham e ainda cuidam de si mesmas. Mulheres sabem o que fazem e têm uma tentativa diária de se equilibrar entre a independência e a intimidação, pois merecem ser respeitadas por onde passam e por todos". (Cardoso e Taveira, 2017, p. 56).

Para Queiroz (2018), a busca de autonomia econômica, direitos sociais e reconhecimento político vai além da promoção da igualdade, especialmente para os camponeses, com a participação essencial da mulher nos empreendimentos e suas contribuições para a construção do sujeito emancipado no coletivo e na família.

Meu envolvimento com o tema surge a partir da minha participação ativa no grupo de mulheres, desde 2019. Ao interagir e colaborar com essas mulheres, pude vivenciar de perto as questões e desafios e lutas enfrentados por elas diariamente e os avanços adquiridos com foco e suor de cada uma. Essa experiência despertou meu interesse em aprofundar meus estudos sobre esse tema, levando-me a escolher a temática como foco principal da minha pesquisa acadêmica.

A pesquisa científica é responsável por uma gama de descobertas e todos se beneficiam dessas novas descobertas. É importante conhecermos a comunidade onde estamos

situados, como abrir o leque para que outras pessoas passem a conhecer também a história da vivência, como também os grupos que ali estão inseridos e que estão obtendo sucesso com suas ações e organizações. Um exemplo tem o grupo de mulheres Santana, que, por ser um grupo organizado exclusivamente por mulheres quilombolas camponesas, contribuiu significativamente para a promoção da autonomia e conhecimento feminino e fortalecimento da economia de suas colaboradoras, pois em uma realidade onde o machismo infelizmente ainda existe e a violência contra mulheres ainda domina, falar de um grupo que tem resistência veracidade e perspicácia pode abrir os olhos e a esperanças de outras mulheres ao se deparar com essa realidade e trajetória linda. Diante disso, é fundamental abordar a história e as conquistas do grupo de mulheres Santana, que tem avançado em sua luta por direitos, emancipação econômico e fortalecimento da comunidade, como parte da justificativa deste trabalho. Ao explorar essa temática, busca-se dar visibilidade a um movimento que desafia as estruturas patriarcais e promove a igualdade de gênero. Além disso, ao analisar as experiências e lutas desse grupo, é possível compreender os desafios enfrentados pelas mulheres na sociedade e contribuir para a construção de um futuro mais inclusivo e igualitário.

1.2. Objetivos

1.2.1 Geral

Identificar as lutas e resistência do grupo de mulheres da comunidade quilombola Santana do Adroaldo, no município de São Luís Gonzaga do Maranhão, e como estão organizadas nos âmbitos político, social e econômico.

1.2.2 Específicos

- Compreender a história da comunidade quilombola Santana do Adroaldo;
- Analisar a organização das mulheres nessa comunidade nos âmbitos político, social e econômico;
- Investigar o apoio familiar nas lutas e resistência das mulheres quilombolas da comunidade Santana em São Luís Gonzaga do Maranhão;

1.3. Metodologia

Esta seção apresenta os procedimentos metodológicos utilizados na pesquisa, detalhando a abordagem, o delineamento, as técnicas de coleta de dados, o in loco da

pesquisa, as participantes e os procedimentos de análise realizados para investigar as lutas e resistências do grupo de mulheres quilombolas da comunidade Santana do Adroaldo.

A investigação caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa, que segundo Minayo (2021, p. 54), "trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes". Este tipo de pesquisa possibilita uma compreensão mais profunda das relações, processos e fenômenos que permeiam a organização e atuação das sujeitas da pesquisa.

O estudo segue o Método Materialista Histórico-Dialético (MHD) este método busca compreender a história e a sociedade como um processo dialético, onde a produção material é fundamental e as contradições são essenciais para o desenvolvimento. Esta escolha metodológica permite compreender as experiências vividas pelas mulheres do grupo, seus significados e como essas experiências contribuem para a construção de suas identidades e ações coletivas.

Para tal pesquisa, foi realizado os seguintes tipos de pesquisa:

a) Pesquisa documental: análise de documentos relacionados à história e desenvolvimento do grupo de mulheres, incluindo registros de reuniões, projetos desenvolvidos e material de divulgação produzido pelo próprio grupo;

b) Pesquisa em história oral: coleta de depoimentos e narrativas que resgatam memórias e experiências vividas pelas integrantes do grupo, relacionadas à origem, trajetória e conquistas;

c) Pesquisa de campo: realização de entrevistas semiestruturadas e rodas de conversa com as integrantes do grupo para compreender suas vivências, desafios e como se organizam.

Nesse sentido, o estudo foi realizado com o grupo de mulheres Santana, que estão organizadas na comunidade quilombola Santana, situada a aproximadamente 24 km do município de São Luís Gonzaga do Maranhão e a cerca de 300 km da capital São Luís. O grupo dedica-se ao processamento e beneficiamento de diversas matérias-primas locais, como manga, acerola, jenipapo, abacaxi e tamarindo, transformando-as em produtos artesanais como geleias e licores para a comercialização e uma forma de autonomia econômica do grupo.

No período da pesquisa, 2024 a 2025, foi possível identificar que o grupo é composto por 12 sócias ativas, originárias de três comunidades diferentes, o que enriquece não apenas a

produção, mas também fortalece os laços entre as mulheres envolvidas e suas tradições culturais. Esta diversidade foi considerada na seleção das participantes, buscando-se contemplar diferentes perspectivas e trajetórias dentro do coletivo.

Para o estudo, participaram 8 integrantes do grupo, representando tanto as fundadoras quanto as participantes mais recentes, garantindo assim uma visão geral da trajetória desse coletivo de mulheres. A seleção das participantes seguiu o critério de diversidade de experiências, considerando tempo de participação no grupo e envolvimento nas atividades.

Para a coleta de dados, as entrevistas semiestruturadas que foram elaboradas com base nos objetivos da pesquisa, foram conduzidas individualmente com 8 participantes. Como definido por Meihy (2005), este instrumento privilegia os testemunhos como ponto fundamental para compreender as experiências vividas. Também foi utilizado a roda de conversa, que é uma técnica de pesquisa que, segundo Fortes e Lucchesi (2013, p. 58), "permite a participação ativa dos sujeitos na incorporação de significados" às suas experiências coletivas. Esta técnica foi utilizada para complementar as informações individuais, permitindo observar as dinâmicas do coletivo e as interações entre as participantes. Também foi utilizada a observação participante, técnica que foi realizada durante as atividades produtivas do grupo, como a colheita do tamarindo, possibilitando compreender os processos de trabalho e as relações estabelecidas entre as participantes durante o fazer coletivo.

1.3.1. Procedimentos de Coleta de Dados

A coleta de dados foi realizada em etapas, seguindo procedimentos que respeitaram a dinâmica do grupo e as disponibilidades das participantes:

- a) Contato inicial e planejamento: foi estabelecido contato prévio com as integrantes do grupo via aplicativo de mensagens (WhatsApp) para apresentar a proposta da pesquisa e verificar a disponibilidade para participação;
- b) Realização das entrevistas: as entrevistas foram conduzidas em dois momentos distintos. No primeiro dia, foram entrevistadas duas integrantes do grupo. No segundo dia, aproveitando uma atividade coletiva (colheita de tamarindo), foram realizadas as demais seis entrevistas, totalizando oito participantes;

- c) Organização da roda de conversa: o planejamento da roda de conversa iniciou-se em dezembro de 2024, enfrentando o desafio de conciliar uma data conveniente para a maioria das participantes. A atividade foi finalmente realizada em 11 de janeiro de 2025, durante uma reunião mensal já agendada pelo grupo, contando com a presença de oito integrantes.

Durante os procedimentos de coleta, foi observada uma boa receptividade por parte das integrantes do grupo, que se mostraram abertas e dispostas a compartilhar suas experiências, ressaltando a importância da pesquisa para o fortalecimento do coletivo. Como destaca Minayo (2006, p. 12), "a pesquisa qualitativa trabalha com a matéria-prima das experiências, das vivências, da cotidianidade e também da compreensão das estruturas e instituições como resultado da ação humana".

1.3.2. Análise dos Dados

Os dados coletados foram analisados seguindo a abordagem da análise de conteúdo temática, que segundo Barth (1969/1997), permite compreender processos variáveis pelos quais os atores sociais identificam-se e são identificados pelos outros na base das diferenças estabelecidas a partir de traços culturais.

O processo de análise seguiu as seguintes etapas:

- a) Transcrição das entrevistas e da roda de conversa: todas as falas foram transcritas na íntegra, preservando as expressões e modos de falar das participantes;
- b) Leitura flutuante do material: leitura inicial para estabelecer contato com os documentos e conhecer o texto, constituindo-se as impressões e orientações;
- c) Categorização temática: identificação de temas recorrentes nos discursos das participantes, organizados em categorias analíticas que dialogam com os objetivos da pesquisa;
- d) Interpretação dos dados: análise interpretativa das categorias identificadas, articulando-as com o referencial teórico sobre comunidades quilombolas, emancipação econômica feminina e resistência cultural.

A pesquisa foi conduzida observando princípios éticos fundamentais para estudos que envolvem comunidades tradicionais. Todas as participantes foram informadas sobre os objetivos do estudo e concordaram voluntariamente em participar. Foi assegurado o direito de

recusa ou desistência a qualquer momento, sem prejuízo para as participantes, como evidenciado pelo caso de uma integrante que preferiu não participar da entrevista.

Buscou-se estabelecer uma relação horizontal e dialógica com as participantes, valorizando seus saberes e reconhecendo sua autonomia, conforme recomendado por Maciel et al. (2019, p. 163) para pesquisas com comunidades tradicionais. Foram adotados procedimentos para garantir o anonimato das participantes que assim desejassem, respeitando suas decisões quanto à divulgação de suas identidades, e para manter esse anonimato, foi atribuído nomes de frutas para as participantes.

2. A HISTÓRIA DE VIDA DA PESQUISADORA E A RELAÇÃO COM A PESQUISA

Sou Maria Brena de Sousa Silva, e moro no povoado Boa Esperança, em São Luís Gonzaga do Maranhão, desde que nasci. Sou a filha do meio de um agricultor rural e de uma ex-professora e quebradeira de coco. Meus pais sempre me ensinaram o valor do trabalho duro e da educação. Desde pequena, aprendi a importância de lutar pelos meus sonhos e a valorizar as pequenas conquistas do dia a dia. Essa base que eles me deram moldou quem sou hoje e me inspira a buscar sempre mais, não só para mim, mas também para a minha comunidade. Cresci em um ambiente onde via meu pai, mesmo semianalfabeto, sempre incentivando minha mãe em relação aos estudos, levando-a e trazendo da universidade até ela se formar. Essa experiência me ensinou que a determinação e o apoio mútuo são fundamentais para superar desafios e alcançar nossos objetivos, além de me fazer ter total admiração pela história de vida deles.

Minha jornada escolar começou na pré-escola da comunidade Santarém, uma sala multisseriada, uma comunidade quilombola que ficava a cerca de 2 km da minha casa. A infraestrutura daquela escola era bem precária, a qualidade do ensino era insuficiente. Fiquei apenas na pré-escola lá, mas a partir do 2º ano do ensino fundamental até o 9º ano, estudei na escola da comunidade quilombola Santana do Adroaldo, que é vizinha à minha. Essa escola tinha uma infraestrutura melhor e um ensino mais estruturado, mas ainda assim não era o ideal.

Durante esse período, vivi momentos de aprendizados. Foi lá que aprendi a ler e escrever, e um professor especial me inspirou a desenvolver uma verdadeira paixão pela matemática. Ele sempre encontrava formas criativas de ensinar, o que fez toda a diferença para mim. Essas experiências foram fundamentais para minha formação e me ajudaram a

valorizar ainda mais a educação pública e o conhecimento. Elas me ensinaram que, apesar das dificuldades enfrentadas no dia a dia, é possível encontrar oportunidades de crescimento e aprendizado em cada situação.

Meu ensino médio foi completo na única escola que meu município possui, localizada em São Luís Gonzaga, a cerca de 24 km da minha comunidade. Todos os dias, íamos e voltávamos no ônibus escolar, e muitas vezes passávamos mais de uma hora na estrada, pois, apesar da distância, a rota do ônibus passava por diversos povoados, pois como a escola era a única Estadual do município e a tarde era o único turno que tinha ônibus rodando todo o município em busca dos alunos às vezes o ônibus fazia rotas grandes e lotavam o transporte.

Assim, eu saía de casa às 11h00 da manhã e só chegava de volta por volta das 19h00. Essa rotina já era bastante cansativa, mas havia dias em que o ônibus escolar não aparecia para nos buscar. Isso acontecia por diversos motivos: às vezes o ônibus quebrava, outras vezes a estrada não estava em condições adequadas para a passagem. Quando isso acontecia, muitos alunos se viam obrigados a buscar alternativas, como tentar pegar outro ônibus em localidades próximas ou até mesmo ir de moto. No entanto, nem todos tinham acesso a esses meios de transporte, o que resultava em faltas frequentes nas aulas.

Essas dificuldades eram bastante desafiadoras e impactavam diretamente nosso aprendizado. Eu vi colegas que, sem conseguir chegar à escola, faltavam muito e às vezes os professores não compreendiam o porquê de tantas faltas.

O período mais desafiador para nós, que dependíamos do ônibus para ir à escola, era durante o inverno. Nessa época, as estradas se tornavam piores e, muitas vezes, os ônibus não conseguiam nos buscar, resultando em mais aulas perdidas. Quando o transporte finalmente chegava, corríamos riscos constantes e enfrentávamos diversos problemas, como quebras inesperadas ou atolamentos nos lamaçais. Em algumas ocasiões, a chuva começava a cair enquanto estávamos na escola, e o nosso transporte simplesmente não conseguia nos deixar em casa.

Vivenciei todas essas situações durante meu ensino médio. Uma lembrança marcante foi quando precisei andar mais de 15 km a pé até meu pai me encontrar porque o ônibus não conseguiu passar devido ao igarapé cheio. Enquanto isso, alguns colegas enfrentaram trajetos ainda mais longos, pois não tinham ninguém para buscá-los nas estradas por conta da falta de transporte.

Em relação à minha formação, meu ensino médio foi deficiente, uma vez que passei o primeiro e o segundo ano sem ter acesso a disciplinas essenciais, como Biologia, Física e Química. Essas disciplinas só foram ofertadas no final do segundo e no terceiro ano, e a falta dos conteúdos prévios tornou quase impossível assimilar as informações de forma adequada. Essa precariedade no ensino médio resultou em dificuldades que ainda enfrento em matérias que deveriam ter sido abordadas durante esse período.

Desde sempre, vejo meus pais como símbolos de luta e determinação. Mesmo sem palavras, eles me ensinaram, por meio de gestos, o valor do respeito, da educação e companheirismo. Dentro de casa, nunca houve essa divisão de tarefas como "isso é coisa de menino" ou "isso é coisa de menina". Todos nós contribuímos juntos: meu pai realizava tarefas domésticas e minha mãe trabalhava na agricultura em conjunto com ele e saía para trabalhar fora, e meu irmão fazia tarefas domésticas e ajudava a cuidar de mim e da minha irmã, ele era o irmão mais velho.

Crescer em um ambiente livre de machismo e preconceito moldou minha visão de mundo e me fez ser uma pessoa melhor. Essa educação igualitária, sem estereótipos de gênero, também teve um impacto positivo no meu irmão, que aprendeu a seguir os exemplos do meu pai. Essa vivência me ensinou que a verdadeira força está na parceria e no respeito mútuo, e sou grato por ter tido esse modelo familiar que valoriza a igualdade e a colaboração. Acredito que essa base sólida é fundamental para construir relacionamentos saudáveis e uma sociedade mais justa.

Minha mãe sempre esteve envolvida em movimentos sociais. Desde que me lembro, eu lhe via participando de reuniões e atuando ativamente em nossa comunidade. Cresci acompanhando sua luta pelos direitos das mulheres e o apoio às quebradeiras de coco babaçu. Através do convívio com ela, aprendi que o lugar da mulher é onde ela quiser estar. Minha mãe me mostrou que tanto as quebradeiras quanto os trabalhadores rurais merecem respeito e valorização. Essa vivência me ensinou a importância da luta por justiça social e a necessidade de reconhecer o valor de todos os trabalhadores, independentemente de sua ocupação.

De uma forma genérica, os movimentos sociais populares visam dar voz às pessoas excluídas da sociedade, dos processos democráticos de participação e decisão, e buscam fortalecer a sua organização na luta por seus direitos bem como para ocuparem seu espaço na sociedade. (Silva; Oliveira; Brutscher, s.d, p. 2)

Os movimentos sociais populares são importantes porque eles dão voz a quem muitas vezes fica de fora das decisões e do que acontece na sociedade. Eles ajudam essas pessoas a se organizarem e lutarem pelos seus direitos, garantindo que possam ocupar seu espaço e serem ouvidas.

Desde pequena, sempre estive envolvida nas reuniões e assembleias da ASSEMA (Associação em Área de Assentamento no Estado do Maranhão). Minha mãe foi diretora desta associação durante 8 anos e, sempre que podia, nos levava, eu e meus irmãos, para visitar a sede. Essas visitas se tornaram momentos especiais, onde aprendemos sobre a importância da organização comunitária e do trabalho coletivo.

Com o passar dos anos, começamos a pedir para participar das reuniões junto a ela. Era incrível ver como as pessoas se uniam em prol de um objetivo comum, discutindo questões que afetavam nossas vidas e nossa comunidade e foi assim que comecei a vivenciar e aprender sobre os movimentos sociais.

Quando eu era menorzinha na faixa etária dos meus oito para nove anos eu não entendia o porquê da ausência da minha mãe em casa que saía para trabalhar na segunda e só voltava no sábado para casa e eu ficava com meu pai e meus irmãos, eu não entendia a ausência dela em casa, pois era de uma certa forma “diferente” a mãe de família sair para trabalhar em outra cidade e o pai ficar em casa, mas na minha casa era assim, e com o tempo eu comecei a entender a importância do que ela saía de casa para fazer, ela fazia parte de uma associação a ASSEMA (Associação em Área de Assentamento no Estado do Maranhão) que tem o objetivos que é melhorar a qualidade de vida das famílias que vivem da agricultura campesina e do extrativismo e minha mãe fazia parte disso, e fez eu passar a entender e gostar daquilo e ter feição ao movimentos sociais e querer participar.

Na comunidade vizinha a minha a comunidade quilombola Santana do Adroaldo, uma comunidade que já passou por muitos percalços para que os seus moradores tivessem o direito de viver lá em paz, inclusive a morte de um inocente, e foi depois de ter passado por todas essas turbulências que algumas das mulheres dessa comunidade e de algumas comunidades vizinhas que formaram um grupo de mulheres, com intuito de ter sua autonomia financeira e não deixar as frutas da comunidade se perder. Desde que comecei a entender a importância da união que eu admiro esse grupo, e admiro muito mais por ser um grupo composto

exclusivamente por mulheres, por mulheres de fibras e determinadas a mudar não só a sua renda familiar mas também sua comunidade.

Embora minha mãe não seja uma das fundadoras do grupo, ela faz parte dele há anos e sempre que podia me levava para as reuniões ou atividades. Foi assim que comecei a me familiarizar com o grupo.

No entanto, foi apenas em 2019, aos 18 anos, que entrei oficialmente como sócia do grupo de mulheres Santana, incentivada pela minha mãe. Desde então, tive muitas descobertas e aprendizados por meio do grupo. A primeira experiência marcante foi em 2019, quando participei de uma reunião da CRESOL (Centro de Referência Estadual de Economia Solidária) em São Luiz. Esse momento foi extremamente enriquecedor; pude conhecer diversas realidades de grupos empreendedores, tanto mistos quanto formados exclusivamente por mulheres. Isso ampliou minha visão e me mostrou que existem outros grupos que, assim como o meu, buscam objetivos semelhantes.

A partir desse momento, minha jornada no grupo de mulheres começou e, após 5 anos, ainda me fascino a cada nova descoberta nas reuniões, feiras e até mesmo nos dias de produção na fábrica. Essa experiência tem sido transformadora para mim. Desde que entrei no grupo, amadureci muito sobre a importância da união feminina. Aprendi que juntas somos mais fortes e que o apoio mútuo é essencial para superarmos desafios. Cada encontro traz novas perspectivas e inspirações, e isso me motiva a continuar contribuindo e aprendendo com cada uma delas.

3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A construção desse referencial teórico baseia-se no diálogo entre os conceitos de resistência quilombola, emancipação econômica feminina e organização coletiva. Partindo do pressuposto de que as comunidades remanescentes de quilombos constituem "espaços de reinvenção da liberdade" (ALMEIDA, 2020, p. 47), analisamos as estratégias do grupo Santana à luz dos estudos sobre economia solidária (SINGER, 2018) e feminismo comunitário (ARGUEDAS, 2019). A fundamentação articula-se em três eixos: 1) a noção de etnicidade como processo dinâmico (BARTH, 1997), 2) a crítica decolonial às estruturas de opressão de gênero e raça (CARNEIRO, 2019), e 3) os estudos sobre economia social em contextos tradicionais (SANTOS, 2021). Como destaca Gomes (2022, p. 112), "a produção

artesanal quilombola transcende a dimensão econômica, convertendo-se em ato político de preservação cultural". Esta perspectiva permite compreender como as práticas do grupo articulam sobrevivência material e reexistência simbólica, constituindo-se em "tecnologias sociais de emancipação" (GONZALEZ, 2020, p. 89).

3.1. DIVISÃO DE GÊNERO NO TRABALHO: uma luta histórica que precisa ser superada.

As mulheres em sua totalidade sempre viveram desafios na sociedade, especialmente no que diz respeito ao mercado de trabalho e seu “papel social”, isso tudo, diante de uma desigualdade entre sexo masculino e feminino, e essas crenças limitadas, são passadas de geração para geração, tornando a luta por igualdade ainda mais difícil para a mulher, e essas dificuldades de gênero refletem em todos os âmbitos, inclusive no ambiente profissional, e ainda equilibrar a vida de mãe, profissional e esposa, gerando situações conflituosas e cansaço diante da rotina.

Compreende-se que as mulheres sempre buscaram meios para garantir a igualdade dos gêneros, para conquistar os direitos iguais, demonstrar ter força e capacidade para trabalhar fora de casa, assumindo um lugar no mercado de trabalho. Garantir a igualdade foi o estopim para que as mulheres “acordassem” em relação à sua posição na sociedade, entretanto, a caminhada para conquistar os seus direitos foi e é bastante extensa. (Lucas e Ancelmo, 2022, p. 3)

As mulheres sempre estiveram na batalha por igualdade e por seus direitos, mostrando que têm tudo para alcançar tudo que desejam no mercado de trabalho. Essa busca ajudou muitas delas a perceberem o valor que têm na sociedade, mas a verdade é que a caminhada ainda é longa e cheia de obstáculos a serem superados. É uma luta que continua, e cada passo dado é importante para que todas as mulheres possam ter as mesmas oportunidades e ser reconhecidas pelo que realmente valem.

O machismo estruturado e as desigualdades de gênero estão presentes em todos os cantos da sociedade. Além disso, a violência e o controle da sexualidade feminina também fazem parte desse cenário.

Os privilégios masculinos e as desigualdades entre homens e mulheres são visíveis em todos os âmbitos da sociedade. O poder dado aos homens envolvendo as questões de gênero vem sendo perpetuados desde o surgimento da humanidade, tendo raízes históricas. Essa dominação vai desde o controle do trabalho das mulheres pelos homens até o acesso restrito das mesmas aos recursos econômicos e sociais, envolvendo decisões políticas, perpassando pela violência masculina e pelo controle da sexualidade. (Carvalho, 2011, pp. 143 - 144)

A autora mostra como os privilégios dos homens e as desigualdades de gênero estão por toda parte e vêm de longe. Ela destaca que essa dominação se manifesta no controle do trabalho das mulheres, nas dificuldades que elas enfrentam para acessar recursos e na violência que muitas sofrem.

Carvalho (2011) comenta que havia um grande medo por parte dos homens de perder seu poder através da divisão sexual do trabalho e dentro da estrutura familiar. Por isso consideravam as mulheres importantes como provedoras do bem-estar da família, sem considerá-las como sujeitos independentes com demandas próprias.

Discutir a história das mulheres, que muitas vezes estavam limitadas ao espaço privado e à vida familiar. Durante muito tempo, elas foram vistas como dependentes dos homens e pertencentes a eles, vivendo em uma sociedade que valorizava o papel masculino e subestimava as mulheres.

Falar da mulher não é fácil, pois um ser humano que na antiguidade sua identidade se traduzia na esfera da vida privada, na Igreja na Administração em geral, seu dia-a-dia iniciavam e terminavam no espaço da casa e da família, não podiam sair sem o marido eram totalmente submissas aos homens se sentiam inferiores ao papel masculino. (Cardoso e Taveira, 2017, p. 56)

Essa realidade, onde a vida das mulheres girava em torno do espaço doméstico e da dependência masculina, destaca a importância de reconhecer e desafiar essas construções sociais e quebrá-las. Hoje, ao pensarmos sobre esse passado, é necessário valorizar as conquistas e a luta das mulheres por igualdade e autonomia, buscando construir um futuro onde todas possam ter voz e espaço para se expressar completamente.

Carneiro (s.d) discorre que as denúncias sobre essa dimensão da problemática da mulher na sociedade brasileira, que é o silêncio sobre outras formas de opressão que não

somente o sexismo, vêm exigindo a reelaboração do discurso e práticas políticas do feminismo. E o elemento determinante nessa alteração de perspectiva é o emergente movimento de mulheres negras sobre o ideário e a prática política feminista no Brasil.

É importante que o feminismo reconheça as desigualdades de gênero, transformando as mulheres em sujeitos políticos com vozes e demandas próprias. Assim, o feminismo se torna um espaço de luta coletiva que valoriza as particularidades e as vozes de todas as mulheres, reconhecendo que a luta por igualdade deve ser mista e respeitar a diversidade das experiências femininas.

Ao politizar as desigualdades de gênero, o feminismo transforma as mulheres em novos sujeitos políticos. Essa condição faz com esses sujeitos assumam, a partir do lugar em que estão inseridos, diversos olhares que desencadeiam processos particulares subjacentes na luta de cada grupo particular. Ou seja, grupos de mulheres indígenas e grupos de mulheres negras, por exemplo, possuem demandas específicas que, essencialmente, não podem ser tratadas, exclusivamente, sob a rubrica da questão de gênero se esta não levar em conta as especificidades que definem o ser mulher neste e naquele caso. [...] (Carneiro, s/d, p. 119)

A citação revela como o feminismo, ao abordar as desigualdades de gênero, não apenas empodera as mulheres, mas também as transforma. Reconhecer que mulheres indígenas e negras têm necessidades específicas é essencial para saber por onde começar a luta e tornar uma luta mais justa e eficaz.

Mulheres indígenas e negras enfrentam desafios específicos devido a fatores históricos, sociais, culturais e econômicos. Elas têm maior vulnerabilidade à violência de gênero, incluindo a violência doméstica, e são frequentemente discriminadas sem ter a oportunidade de se manifestar. Há uma necessidade urgente de políticas públicas eficazes para combater o feminicídio, especialmente entre mulheres negras.

É fundamental combater o racismo e a discriminação no atendimento médico, onde mulheres negras muitas vezes enfrentam dificuldades por serem negras e, em algumas situações, têm seu atendimento negado. Elas precisam de oportunidades de emprego e processo econômico que respeitem suas tradições. Além disso, é importante combater a informalidade e a falta de direitos trabalhistas, que são comuns entre as mulheres negras.

É necessário incentivar projetos produtivos para comunidades indígenas e garantir a inclusão dessas mulheres em espaços de decisão política e lideranças comunitárias. A valorização da sabedoria ancestral nas políticas públicas é essencial para enfrentar o racismo e o sexismo nas esferas de poder.

As mulheres estão cada vez mais dominando as atividades políticas e comunitárias do quilombo, e isso está fazendo toda a diferença na sua emancipação. Elas estão lutando para que a igualdade de gênero seja reconhecida e se destacam nas reuniões e liderando associações de suas comunidades.

O envolvimento das mulheres nas atividades políticas/comunitárias cotidianas do quilombo vem contribuindo para o emancipação das mesmas, na luta em busca do reconhecimento da igualdade de gênero. Isto pode ser percebido nas assembleias, reuniões e encontros, em que as mulheres são presenças destacadas totalizando um público feminino de aproximadamente 70% dos presentes para discutir os problemas da comunidade. (Pontes e Steward, 2019, p. 203)

O envolvimento das mulheres nas atividades do quilombo é de suma importância não só para a comunidade, mas também para elas mesmas. Quando elas se reúnem em assembleias e encontros, estão não só levantando suas vozes, mas também criando um espaço onde podem debater suas necessidades e reivindicações. Esse protagonismo feminino ajuda a quebrar estereótipos e mostra que as mulheres têm um papel fundamental na construção de uma sociedade mais igualitária.

Segundo Souza (2013), a questão de gênero não é um fator biológico, uma vez que, é a genética que define o sexo do bebê; logo a questão de gênero se define pelos valores culturais de formação humana, em que mulheres e homens têm papéis definidos (a mulher é formada para assumir os espaços “privados”, sendo reservado ao homem o direito de ocupar os espaços públicos). Se o gênero determina o papel social que cada um assumirá no mundo do trabalho, então, coube à mulher a profissão do trabalho doméstico, o “serviço privado”, pesado, sujo e invisível.

A dificuldade que as mulheres enfrentam na dupla jornada no mercado de trabalho e ainda são registrados que mulheres ainda têm menor remuneração e menos oportunidades de liderança em comparação aos homens.

No Brasil, também é mais difícil encontrar figuras femininas em cargos de liderança, e mesmo as poucas que ocupam estes papéis, estão sujeitas a serem pior remuneradas do que os homens que exercem as mesmas funções. Além de preteridas em certas posições de trabalho, as mulheres enfrentam jornadas duplas por serem as que dedicam mais horas aos afazeres domésticos e aos cuidados com a família, em concomitância com o exercício profissional remunerado. (Sousa *et al*, 2021, p. 10)

Lamentavelmente ainda é bem difícil encontrar mulheres em cargos de liderança e, mesmo quando elas conseguem, muitas vezes ganham menos que os homens que fazem o mesmo trabalho. Sem contar que a maioria ainda tem que lidar com a dupla jornada, cuidando da casa e da família enquanto trabalha.

Lucas e Ancelmo (2022), destaca que as mulheres passaram e ainda passam por momentos delicados em relação ao mercado de trabalho em geral, visto que ainda há situações de preconceito e discriminação, mesmo que existam hoje, uma maior parte de mulheres que ocupam diversos cargos em empresas e, até mesmo, gerenciam o seu próprio negócio.

Apesar de algumas semelhanças na experiência feminina, a identidade das mulheres é moldada por diferentes fatores, como etnia, classe social, nacionalidade e idade. Em particular, a identidade das mulheres quilombolas, que é influenciada por suas especificidades étnicas e rurais.

A sociedade brasileira ainda mantém valores patriarcais, machistas e misóginos, que subjugam as mulheres, colocando-as em desvantagem social perante os homens. Entretanto, apesar das convergências entre a situação das mulheres no Brasil, como a construção de uma condição feminina baseada na naturalização da maternidade, das atividades domésticas e da sensibilidade, existem divergências sobre como essa identidade é construída de acordo com a etnia, classe, nacionalidade, faixa etária e contexto. (Santos, 2018, p. 181)

Um ponto importante sobre a situação das mulheres no Brasil. Como ainda estamos rodeadas de valores patriarcais e machistas que colocam as mulheres em desvantagem em relação aos homens. Mas, mesmo com algumas semelhanças na luta feminina, cada mulher tem uma experiência única, influenciada por coisas como etnia, classe social e contexto de vida. Isso prova que não dá pra generalizar a vivência das mulheres, porque cada uma

enfrenta desafios diferentes. Reconhecer essa diversidade é essencial para avançar em busca de igualdade de gênero.

Quando falamos sobre relações de gênero, é de suma importância lembrar que elas não são iguais para todo mundo. A forma como as mulheres se veem e são tratadas depende muito de onde elas estão na sociedade e das relações de poder ao redor. As mulheres não são apenas "mulheres", mas também fazem parte de grupos diferentes. Cada uma dessas categorias traz experiências e desafios únicos, influenciados por questões econômicas, políticas e ideológicas.

As relações de gênero são constituídas e representadas de maneira diferente segundo a localização de cada sujeito dentro de relações globais de poder. A inserção nessas se realiza através de uma miríade de processos econômicos, políticos e ideológicos. Dentro dessas estruturas de relações sociais, as mulheres não existem apenas como mulheres, mas como categorias diferenciadas, tais como “mulheres da classe trabalhadora”, “mulheres camponesas”, “mulheres imigrantes”, entre outras categorias. (Pontes e Steward, 2019, p. 192)

Não há como identificar as mulheres como um único perfil ou um único grupo, já que elas enfrentam situações e desafios variados, dependendo se são da classe trabalhadora, camponesas, imigrantes ou quilombolas. Essa diversidade mostra como a vida delas é influenciada por várias questões econômicas, políticas e ideológicas. Por isso, é importante reconhecer essas diferenças para entender melhor o que cada uma vive no seu dia a dia.

O combate ao racismo e à desigualdade de gênero começa com o enfrentamento ao racismo estrutural, que afeta as mulheres a terem direitos e oportunidade. Oportunidade de ter um emprego justo, de ter sua identidade quilombola respeitada e ter direito a políticas de emancipação feminina dentro e fora das comunidades.

Diferentes autores destacam as conquistas de direitos das mulheres, que vão além da luta pela terra. Essas conquistas estão muito ligadas aos movimentos feministas que surgiram nos anos 60 e que questionaram o papel da mulher na sociedade.

Diversos autores na presente coletânea, nas décadas de 80 e 90, indicam que as mulheres tiveram garantida uma série de direitos, que envolveram outras lutas que não estritamente a luta pela terra. Muitos desses direitos relacionam-se diretamente às conquistas dos movimentos feministas que

eclodiram nos anos 60 e que problematizam profundamente o lugar da mulher na sociedade. Ganha destaque o direito à terra, quer pensado como repartição igualitária do patrimônio familiar em termos de herança, quer como acesso ao título para o casal (Lopes e Butto, 2008, pp. 16-17)

No fim das contas, essas lutas estão todas conectadas e mostram como é essencial garantir que as mulheres tenham voz e espaço em todas as áreas da vida, já que a persistente divisão sexual e social do trabalho que ainda caracteriza a sociedade, tanto em áreas rurais quanto urbanas. Ele destaca como as mulheres continuam a ser responsabilizadas por tarefas relacionadas ao espaço privado, como cuidar da casa e da família, enquanto os homens são vistos como os provedores financeiros.

A divisão sexual e social do trabalho se faz presente em diferentes espaços - rural ou urbano - e à mulher continua sendo delegada atividades vinculadas ao privado das relações sociais: cuidar da casa, filhos, marido, idosos e doentes; ao homem cabe trabalhar remuneradamente e prover o sustento da família, isto é, ainda se vivenda a reprodução do binômio feminino para a reprodução e masculino para a produção. (Santos, 2018, p. 181)

A divisão do trabalho ainda é um grande desafio que afeta muito as mulheres, colocando-as em papéis tradicionais que limitam suas oportunidades. Enquanto elas ficam responsáveis pelo cuidado da casa e da família, os homens são vistos como os provedores. Isso faz com que o que as mulheres fazem em casa pareça menos importante. Para que elas consigam uma sociedade mais justa, é fundamental mudar essa mentalidade e valorizar o papel de todo mundo, independente de gênero, tanto no trabalho quanto nas responsabilidades do dia a dia.

Na concepção de Brazil (2015), as mulheres ainda são vítimas de preconceito e há muito a ser feito para diminuir a desigualdade de gêneros. Apesar dos direitos conquistados pelas mulheres ao longo dos últimos anos, como no mercado de trabalho, ainda persiste a exclusão feminina na distribuição dos cargos de liderança. As mulheres ainda hoje recebem até 30% a menos que os homens no mesmo cargo.

Quando se olha para o trabalho das mulheres, fica claro que, mesmo com o passar do tempo, os papéis sociais ainda estão bem cravados. Muitas vezes, elas continuam sendo as principais responsáveis pelas tarefas domésticas, mesmo quando também estão atuando em

outros trabalhos, como na produção ou em empregos fora de casa e assim ficando mais sobrecarregadas em comparação aos homens.

Sobre o trabalho realizado pelas mulheres, há indicações de que os papéis sociais femininos não se alteraram drasticamente ao longo dos tempos, pois são na maioria dos lares as mulheres que fazem o trabalho doméstico, mesmo trabalhando na produção ou em outros locais. (Pontes e Steward, 2019, p.203)

O que isso nos mostra é que, apesar de tantas mudanças ao longo dos tempos, os papéis das mulheres ainda estão bem fixados. Elas continuam acumulando responsabilidades, cuidando da casa e trabalhando fora ao mesmo tempo.

Mendes e Fonseca (s.d.) expõem que atualmente as mulheres são a maioria da população, e muitas são responsáveis pelo sustento da família. Mas, ainda são muitos os desafios que elas encontram, para conciliar a vida pessoal e o papel de mãe, em suas vidas.

A vida das mulheres rurais e quilombolas pode ser ainda mais difícil do que a de outras mulheres. Enquanto muitas enfrentam desafios, aquelas que pertencem a povos e comunidades tradicionais, como as quilombolas, indígenas e outros grupos, lidam com uma situação ainda mais precária. Elas enfrentam vulnerabilidades políticas e econômicas que acabam afetando seus direitos sociais.

A situação das mulheres rurais e quilombolas, em alguns momentos, se mostra mais precária e agressiva quando comparada ao conjunto de vivências femininas. Os indivíduos incluídos na categoria de povos e comunidades tradicionais, a saber, remanescentes quilombolas, sociedades indígenas, caiçaras, babaçueiros, pescadores artesanais, seringueiros, castanheiros, sertanejos, entre outros, possuem vulnerabilidades políticas e econômicas que influenciam na privação dos direitos sociais. (Santos, 2018, p. 184)

É fundamental que a sociedade e as mulheres reconheçam essas particularidades e lutem por uma igualdade que leve em conta as diferentes realidades dessas comunidades. Realidade como socioeconômica, as dificuldades de acesso a emprego formal, renda instável e falta de infraestrutura básica nas comunidades, e também enfrentam ameaças à posse da terra, falta de regularização fundiária e conflitos agrários, e muitas vezes tende a ter a

difficuldade de acesso à educação de qualidade, evasão escolar e falta de conteúdos que valorizem a cultura quilombola.

Lusa (2017), relata que essas mulheres ao se inserirem nos sindicatos, elas percebem como é difícil quebrar a hierarquia e os preconceitos que fundamentam as relações nas instâncias de poder das estruturas representativas. É o reconhecimento deste desafio, mas também da necessidade de romper com a perspectiva de dominação e desigualdade, que lhes provoca a lutar por reconhecimento dentro das instâncias de poder, desde as relações familiares, às comunitárias, sindicais e político-legislativas-executivas.

Embora as desigualdades salariais significativas entre homens e mulheres que ocupam as mesmas funções permaneçam, é inegável que a crítica feminista sobre as desigualdades no mercado de trabalho teve papel importante na intensa diversificação, em termos ocupacionais, experimentada pelas mulheres nas últimas três décadas. Um dos orgulhos do movimento feminista brasileiro é o fato de, desde o seu início, estar identificado com as lutas populares e com as lutas pela democratização do país. (Carneiro, 2003. p. 118)

As críticas feministas têm desempenhado um papel crucial e ajudaram a abrir inúmeras portas para as mulheres no mercado de trabalho nos últimos anos. Essa ligação torna o movimento mais forte e relevante, pois busca transformar não só a situação das mulheres, mas também contribuir para uma sociedade mais justa como um todo.

Há algumas décadas a porcentagem de mulheres economicamente ativas tem aumentado consideravelmente. Isso se deve também, entre outros fatores, aos movimentos políticos e sociais ocorridos no mundo entre as décadas de 60 e 70. Essa mudança de padrões culturais impulsionou as mulheres a estudarem mais e a participar do mercado de trabalho de forma consistente. (Pereira; Santos; Borges, 2005)

Seja por motivos financeiros ou mudanças nos padrões culturais ou até por realização pessoal, é fato que as mulheres têm entrado de forma consistente no mercado de trabalho. O que fica evidenciado em estudos de vários autores é que o aumento da participação das mulheres no mercado de trabalho não correspondeu a uma diminuição da discriminação. (Pereira; Santos; Borges, 2005)

A realidade é desafiadora enfrentada pelas mulheres quilombolas que por diversas vezes passam por situações vulneráveis a diversas formas de violência e conflitos territoriais e impactos negativos, assim como destaca a Organização das Nações Unidas.

[...] As quilombolas estão expostas às variadas formas de violência, são as principais impactadas pelos conflitos territoriais, pelos empreendimentos desenvolvimentistas e pela supressão de direitos, o que compromete significativamente o desenvolvimento social e econômico dessas mulheres. Mesmo nesse cenário adverso, essas comunidades resistem, marcadas pelo protagonismo feminino e negro. (Organização das Nações Unidas, 2017, p. 1)

Apesar das dificuldades enfrentadas pelas mulheres nos últimos anos, a resistência e o protagonismo delas vem se destacando, e a força é fundamental para a luta por justiça tanto social quanto econômica. Essas mulheres enfrentam desafios e se tornam agentes de mudanças na sociedade e na sua comunidade.

Queiroz (2018), coloca que ao longo do tempo, as mulheres tiveram a riqueza gerada pelo seu trabalho e o seu papel na economia invisibilizada. Foi considerando essa invisibilização e controvérsias, que se faz necessário abrir espaço à discussão sobre o papel e a participação das mulheres na construção de uma sociedade mais justa, nos espaços públicos como protagonistas de sua história.

3.2. A Importância Da Organização Das Mulheres Quilombolas

Nessa sessão, abordaremos a importância do reconhecimento da organização das mulheres quilombolas na luta por existir em uma sociedade construída no patriarcado, desdobrando em atitudes machistas. Assim, quando se trata das mulheres quilombolas, além do machismo, essas mulheres sofrem com o racismo. Por tanto, a luta pelo reconhecimento das comunidades, trazem consigo a luta por políticas públicas a fim da garantia de direitos.

O reconhecimento das comunidades contribui para a reafirmação da identidade e valorização étnico racial, mas a organização social do grupo é fundamental para assegurar a implementação de políticas públicas, programas e projetos sociais. O processo de titulação das terras ocupadas por

essas comunidades é lento e há insuficiência de representantes do estado atuando nessa questão. Contudo, ratifica-se aqui a importância da oficialização das terras e o trabalho desenvolvido pela Fundação Cultural Palmares. (Santos, 2018, p. 179)

O reconhecimento formal das comunidades é crucial para fortalecer a identidade cultural e étnica dos grupos. Isso significa que ao serem reconhecidas, essas comunidades podem valorizar suas tradições, histórias e modos de vida. A organização interna do grupo é essencial para garantir que suas demandas e necessidades sejam atendidas por meio de políticas públicas. Isso implica que, para que as vozes dessas comunidades sejam ouvidas, elas precisam estar bem organizadas e representadas.

ONU Mulheres (2017) destaca que as mulheres estão numa situação mais problemática. Enquanto os homens migram para as cidades mais próximas em busca de trabalho, elas permanecem. Ali garantem o sustento, a partir do manejo dos recursos naturais, atuando para a organização social e transmissão dos saberes ancestrais [...].

A luta pela representação justa e digna das mulheres negras no Brasil é um tema central nas discussões contemporâneas sobre igualdade de gênero e raça. Nesse contexto, o feminismo negro brasileiro se destaca ao desafiar e desconstruir as narrativas históricas que reduzem as mulheres negras a estereótipos limitantes.

Com efeito, pesquisadoras ligadas ao feminismo negro brasileiro enfatizaram a importância de desconstruir as imagens estereotipadas das mulheres negras como corpos meramente sexualizados e representados pela figura da mulata ou pelo servilismo da mãe preta. (Pontes e Steward, 2019, P. 191)

A sociedade tem a necessidade de desconstruir estereótipos que reduzem as mulheres negras a imagens simplificadas e muitas vezes degradantes. Essa desconstrução é um passo fundamental para promover uma compreensão mais justa e complexa da identidade e das experiências dessas mulheres. Quando os autores citam "corpos meramente sexualizados", estavam expondo que as mulheres negras muitas vezes são vistas só como objetos de desejo, sem levar em conta suas habilidades, inteligência e quem elas realmente são.

A visão das mulheres de grupos subalternizados traz novas ideias e práticas para o feminismo. Ou seja, essa diversidade não só fortalece a luta das mulheres como também pede uma abordagem mais inclusiva, que considere as diferentes experiências e realidades que

cada uma vive.

A diversificação das concepções e práticas políticas que a ótica das mulheres dos grupos subalternizados introduzem no feminismo é resultado de um processo dialético que, se, de um lado, promove a afirmação das mulheres em geral como novos sujeitos políticos, de outro exige o reconhecimento da diversidade e desigualdades existentes entre essas mesmas mulheres. (Carneiro, 2003, p.119)

Essa diversificação nas práticas políticas enriquece o movimento feminista, tornando-o mais representativo e capaz de abordar as realidades complexas que cada mulher enfrenta assim, o feminismo se torna um espaço mais plural e justo, onde todas as vozes são ouvidas e valorizadas.

A força das mulheres quilombolas, que não se deixam levar pela opressão das relações de gênero e dos valores patriarcais que ainda existem na sociedade. Elas estão resistindo e se tornando protagonistas, participando de movimentos sociais, seja sozinhas ou junto com outros grupos. Além disso, estão se unindo para formar coletivos produtivos que valorizam suas tradições e práticas do dia a dia.

Todavia, as mulheres rurais resistem à subalternização imposta pelas relações de gênero e por valores patriarcais predominantes na sociedade, e, assim, tornam-se sujeitos políticos através da participação e/ou formação de movimentos sociais autônomos e/ou mistos nacional ou localmente; e na construção de grupos produtivos de mulheres rurais, cuja produção depende da tradição e práticas cotidianas. (Santos, 2018, p. 181)

As mulheres rurais estão mostrando que não vão se deixar abater pelas desigualdades que enfrentam. Elas estão se unindo, lutando por seus direitos e criando espaços onde podem ser ouvidas e valorizadas. Ao formar grupos produtivos e participar de movimentos sociais, elas não só preservam suas tradições, mas também se tornam agentes de mudança nas suas comunidades.

Quando você sente a vontade de mudar algo na sua comunidade, a melhor estratégia é procurar outras pessoas que compartilhem do mesmo objetivo e se unir a elas. A organização é essencial nesse processo e pode ser feita de várias maneiras. Ela envolve estruturar e planejar ações para alcançar um objetivo em comum. Em grupos ou movimentos sociais, a

organização é crucial para reunir pessoas em torno de uma causa, seja defendendo os direitos humanos, lutando pela igualdade de gênero ou preservando o meio ambiente.

Fato que pode ser evidenciado no discurso das mulheres quilombolas de Moju Miri, frente às retaliações sofridas quando formaram um grupo de trabalho composto por 17 integrantes, com objetivo de limpeza de áreas de açaçais, roçados e quintais. Os homens da associação ao perceber que esse grupo estava se tornando cada vez mais forte e ocupando lugar de maior destaque na comunidade, logo fizeram meio de tornar invisível o grupo. (Pontes e Steward, 2019. p. 201)

O exemplo que as mulheres quilombolas de Moju Miri mostram é que, quando elas se juntam e se organizam, ficam mais fortes, mesmo enfrentando obstáculos. Os homens da associação tentaram apagar a presença delas porque estavam incomodados com o destaque que o grupo estava ganhando. Mas essas mulheres estão provando que não dá para silenciar quem se une por um propósito. A luta delas é um exemplo de como a voz feminina é poderosa e necessária, especialmente em lugares onde ainda rola desigualdade.

Queiroz (2018), relata que a abordagem a partir desses movimentos se faz importante, pois esses movimentos de luta individual e coletiva projetam-se no sentido de transformações orientadas para estratégias sustentáveis e pluralistas de construção de mundo. Um mundo em que a mulher consiga ser reconhecida como sujeito que é e autora das ações de reconfiguração social.

Mudar a visão negativa que muitas vezes verte sobre as mulheres quilombolas. A verdade é que elas têm um papel essencial nas suas comunidades e fazem diferença na economia doméstica, e em toda a organização do ambiente onde elas vivem.

Sem dúvida, é necessário transformar ideias negativistas que tendem a reduzir e discriminar as mulheres quilombolas; pois é fato que essas desempenham um papel fundamental na comunidade, contribuindo de forma significativa para a sobrevivência da economia doméstica. (Pontes e Steward, 2019, p. 203)

Valorizar o papel das mulheres quilombolas é fundamental para que se construa uma sociedade mais justa e reconheça a força dessas mulheres incríveis e trabalhadoras que sempre estão ajudando sua comunidade.

Barizão (2020), evidencia que ser uma mulher negra e quilombola é sinônimo de resistência e de força. Carregamos o peso da luta em nome das nossas ancestralidades e a preservação da cultura é a nossa identidade. A luta pelo território é o que nos mantém vivas.

As mulheres têm um papel crucial na manutenção da qualidade de vida nas comunidades, focando não só em suas atividades profissionais, mas também nos cuidados com a saúde da família e na conservação dos recursos que garantem sua sobrevivência. Esse envolvimento vai além do cotidiano; é uma forma de assegurar que tudo funcione bem e que a vida seja preservada de maneira sustentável.

As mulheres, portanto, tendem a garantir seus trabalhos e cuidados na direção dos aspectos qualitativos e na manutenção dos recursos existentes, inclusive pelo cuidado com a saúde da sua família e pela conservação dos recursos que são inerentes a sua condição de existência. (Franco, 2021, p. 14)

As mulheres ao se dedicarem ao cuidado da saúde familiar e à conservação dos recursos essenciais, elas não apenas garantem o bem-estar imediato, mas também asseguram a continuidade de um ambiente saudável e equilibrado para as futuras gerações e isso mostra que elas pensam no bem-estar de todos.

Carvalho (2011), destaca que a participação feminina nos movimentos sociais rompe com sua condição de invisível perante a sociedade, tornando-a uma legítima cidadã, possuidora de deveres e direitos, mesmo sendo esse um processo recente, uma verdadeira busca pelo resgate da cidadania.

A relevância dos movimentos sociais na luta por uma sociedade mais democrática. Eles desempenham um papel essencial ao promover a inclusão de grupos que frequentemente enfrentam marginalização e exclusão.

Quando se defende uma sociedade mais democrática, os movimentos sociais assumem fundamental importância, visto que conseguem a inserção de mais pessoas no universo dos direitos. Pessoas essas que, muitas vezes, são marginalizadas, excluídas, tendo seus direitos negados. (Silva; Oliveira; Brutscher, s/d., p.2)

Esses movimentos lutam pela inclusão e pela garantia de direitos que muitas vezes são negados, promovendo uma maior justiça social. Ao fortalecer essas vozes, conseguimos avançar rumo a uma sociedade mais justa e igualitária, onde todos têm a oportunidade de participar plenamente da vida comunitária.

3.3. Contexto Histórico das Lutas e Resistência de Mulheres Quilombola.

As experiências das mulheres negras e das mulheres brancas não são iguais, principalmente por causa do racismo que ainda está presente até hoje na sociedade. Desde o tempo da escravidão, as mulheres negras passaram por situações muito difíceis, como a exploração do seu trabalho e a violência que sofreram. E mesmo depois da escravidão, não houve reparações para essas injustiças, o que fez com que as desigualdades e os preconceitos continuassem afetando suas vidas e as de suas famílias até os dias de hoje.

Outra singularidade existente em relação às vivências e construções identitárias femininas se refere à raça/etnia, pois as experiências entre mulheres negras e não negras não são simétricas, devido ao racismo existente. Desse modo, a discriminação racial singulariza a condição da mulher negra e mantém a sua marginalização desde o período colonial brasileiro, visto que as ancestrais escravizadas foram expostas a muitos tipos de trabalho, para além da exploração de seus corpos, ao serem abusadas e violentadas sexualmente para a satisfação dos seus senhores e de outros homens. Após a escravidão, não ocorreu nenhuma reparação social aos ex-escravos/as, perpetuando-se as desigualdades, opressões, estereótipos e preconceitos aos seus descendentes. (Santos, 2018, p. 182)

A marginalização histórica, que remonta ao período colonial, continua a influenciar as realidades contemporâneas, mantendo um ciclo de opressão e preconceito. A ausência de uma reparação social após a escravidão aumenta essas desigualdades, demonstrando a necessidade de um olhar sobre as experiências das mulheres negras.

Queiroz (2018), aponta que a dominação econômica e cultural por vezes se faz presente na família e na comunidade, o que leva as mulheres rurais a terem também dificuldades para se expressarem na vida pública, perpetuando o estigma de inferioridade. Assim, acesso a políticas públicas é fator preponderante para melhorar concretamente a vida das mulheres e permitir que haja uma valorização das suas contribuições para a sociedade, ajudando a superar valores e preconceitos ainda existentes.

A importância de um olhar crítico para a questão étnico-racial no Brasil, destacando as profundas raízes do racismo estrutural e das desigualdades raciais que remontam ao período da escravidão. Essa discussão é fundamental para profissionais do serviço social, pois nos leva a reconhecer a urgência de abordar essas questões em busca de uma sociedade mais justa e igualitária.

O estudo crítico da questão étnico-racial indica que o racismo estrutural e as desigualdades raciais no Brasil contam com suas bases históricas localizadas no período de escravidão. Não há mais como negar a urgência em nos apropriarmos, no Serviço Social, de uma análise que elucida a formação sócio-histórica do país a partir do que, de fato, representaram quase 400 anos de escravidão para a constituição das relações sociais contemporâneas e o lugar da resistência negra. (Soares, 2020, p.53)

A autora chama a atenção para a urgência de os profissionais do serviço social se aprofundarem nessa análise, pois isso ajuda a entender melhor as relações sociais atuais e o papel importante da resistência negra. Assim, tanto os profissionais do serviço social quanto quem formulam as políticas públicas precisam trabalhar em conjunto para construir um futuro mais justo e igualitário, onde as vozes da resistência negra sejam realmente valorizadas, ouvidas e respeitadas.

Existe uma urgência na criação de políticas voltadas para mulheres, e principalmente para mulheres quilombolas. Apesar dos avanços dos últimos tempos, através das lutas, ainda há um longo caminho a percorrer.

A gente sabe que precisa da criação de políticas públicas específicas para as mulheres quilombolas, porque ainda tem muito pouco. Eu estou com 33 anos, mas sei o histórico das lutas das mulheres por essas políticas públicas. Elas começaram a luta em 1986 para termos, hoje, essas políticas alcançadas por elas, que ainda são poucas, têm muito a ser mudado. As mulheres sempre estiveram presentes na luta. (Barizão, 2020, p. 18)

A autora ressalta o papel fundamental das mulheres nessa luta, que se estende por décadas, e aponta que as conquistas até agora são insuficientes para garantir seus direitos e necessidades. A importância de continuar lutando por mudanças significativas e justas, reconhecendo e valorizando a história e a resistência dessas mulheres que sempre estiveram à frente dessa batalha.

O racismo e o gênero muitas vezes se misturam e geram desigualdades. Ele mostra que o racismo não só exclui pessoas de certos grupos, mas também dá privilégios a quem se encaixa nos padrões “superiores”.

Nesse sentido, racismo também superlativa os gêneros por meio de privilégios que advêm da exploração e exclusão dos gêneros subalternos. Institui para os gêneros hegemônicos padrões que seriam inalcançáveis numa competição igualitária. A recorrência abusiva, a inflação de mulheres loiras, ou da “loirização”, na televisão brasileira, é um exemplo dessa disparidade. (Carneiro, s.d.,p.119)

Essa realidade destaca a necessidade urgente de promover uma representação mais inclusiva e igualitária, que reconheça e valorize a pluralidade das experiências femininas e combata as desigualdades estruturais presentes na sociedade.

A luta das mulheres por igualdade e como essa busca se torna difícil quando se considera o impacto do racismo e da discriminação racial. Mesmo em um contexto onde as condições educacionais são controladas, as desigualdades persistem.

Os diferentes retornos auferidos pelas mulheres de uma luta que se pretendia universalizante tornava insustentável o não reconhecimento do peso do racismo e da discriminação racial nos processos de seleção e alocação da mão-de-obra feminina, posto que as desigualdades se mantêm mesmo quando controladas as condições educacionais. Em síntese, o quesito “boa aparência”, um eufemismo sistematicamente denunciado pelas mulheres negras como uma forma sutil de barrar as aspirações dos negros, em geral, e das mulheres negras, em particular, revelava em números, no mercado de trabalho, todo o seu potencial discricionário. (Carneiro, s.d., p.121)

A importância de reconhecer que a luta das mulheres por igualdade não pode ignorar o impacto do racismo e da discriminação racial. Mesmo com avanços na educação, as desigualdades continuam a existir, mostrando que fatores como a "boa aparência" servem como barreiras sutis para as mulheres negras.

A formação de diversas organizações e fóruns dedicados a discutir questões enfrentadas por mulheres reflete uma busca por visibilidade e reconhecimento, assim Carneiro discorre:

[...] Tal processo vem resultando, desde meados da década de 1980, na criação de diversas organizações de mulheres negras que hoje se espalham em nível nacional; de fóruns específicos de discussões programáticas e instâncias nacionais organizativas das mulheres negras no país a partir dos quais os temas fundamentais da agenda feminista são perscrutados pelas mulheres negras à luz do efeito do racismo e da discriminação racial. [...] (Carneiro, s.d., p.120)

Essa mobilização não só promove visibilidade, mas também busca combater o racismo e a discriminação racial, contribuindo para uma luta mais justa e representativa dentro da sociedade.

Dandara foi uma mulher essencial na luta pela defesa e expansão da comunidade Quilombola. Ela não só participou ativamente da vida militar, mas também enfrentou bravamente as tropas portuguesas e holandesas. Ela representou não só a força das mulheres negras, mas também a luta coletiva.

Muitas vezes evidenciamos e glorificamos apenas o Zumbi dos Palmares e esquecemos a guerreira e do símbolo de luta que Dandara foi e que foi apagada pelo machismo e racismo. Uma mulher que lutou contra a opressão sofridas pelos escravizados, mas que muitas vezes teve sua trajetória ofuscada pela história de um homem.

[...] Dandara participou ativamente da vida militar para a defesa e a expansão da Comunidade Quilombola, lutando contra as tropas portuguesas e holandesas até o fim da sua vida, em 1694, quando os militares da tropa de Domingo Jorge Velho conseguiram atingir a última resistência do Quilombo dos Palmares, na cidade Real do Macaco. (Almeida e Nascimento, s.d., p. 5)

Mulher guerreira, Dandara foi uma verdadeira heroína na luta pelo Quilombo dos Palmares. Sua coragem e determinação em enfrentar as tropas portuguesas e holandesas até o fim mostram o quanto ela acreditava na liberdade e na defesa da sua comunidade.

Dandara uma heroína que se destacou na luta contra os colonizadores, defendendo Palmares, uma comunidade de resistência onde pessoas escravizadas buscavam liberdade.

A história dessa heroína, que, no século XVII, liderou homens e mulheres em vários conflitos contra as forças enviadas pelas autoridades coloniais, em defesa de Palmares, e transformou-se em ícone da liberdade e do combate à

escravidão, é cercada de incertezas e os registros sobre ela são muito limitados. (Caetano e Castro, 2020, p.160)

A história dessa heroína do século XVII mostra como a luta pela liberdade era intensa e cheia de coragem. Embora ela tenha sido um grande ícone na defesa de Palmares e no combate à escravidão, sua figura e sua história ainda são pouco mencionadas e registradas. Esse fato evidencia uma questão que deveria ser mais pautada que é a omissão e a invisibilidade que transpõe a história de resistência negra. É de suma importância apreciar figuras como Dandara para construir uma sociedade mais igualitária que reconheçam diferentes vozes.

Segundo Caetano e Castro (2020), além de grande guerreira, Dandara ainda foi esposa e mãe. Tornou-se a primeira e única companheira de Zumbi, que com a morte de Ganga-Zumba passou a liderar o quilombo, retomando o conflito com as autoridades portuguesas. Com ele teve três filhos: Motumbo, Harmódio e Aristogiton.

Dandara não era apenas uma figura simbólica, mas uma participante ativa em todas as batalhas e lutas pela liberdade, além de estar envolvida na organização e no cotidiano da comunidade. “Dandara é a mais representativa liderança feminina na República de Palmares. Participou de todas as batalhas, de todas as lutas, de tudo que lá foi criado, organizado, vivido e sofrido. Sabe-se pouco sobre as suas origens: onde nasceu, de onde veio [...]” (Tinoco, 2014, p. 2).

Essa falta de informações sobre suas raízes contrasta com sua grandeza como líder e mostra como é fundamental resgatar e reconhecer essas histórias para valorizar ainda mais sua contribuição na luta contra a opressão.

4. A PESQUISA: ENTRE LUTAS E SABERES E O PROTAGONISMO DAS MULHERES QUILOMBOLAS DE SANTANA NA CONSTRUÇÃO DE UMA SOCIEDADE SEM O PATRIARCADO.

A comunidade quilombola Santana do Adroaldo, localizada na zona rural de São Luís Gonzaga-MA, abriga 21 famílias, totalizando 26 mulheres, 24 homens e 16 crianças. Além disso, a comunidade conta com uma escola que atende cerca de 85 alunos, provenientes tanto da localidade quanto de comunidades vizinhas. O ensino oferecido abrange a educação infantil e o ensino fundamental, do sexto ao nono ano. A escola atende alunos de

comunidades próximas, pois é uma das únicas na redondeza a oferecer os anos finais do ensino fundamental.

A comunidade não possui uma Unidade Básica de Saúde (UBS), mesmo sendo esse um desejo comum entre os moradores. Durante a campanha eleitoral, a antiga gestão prometeu a construção de um posto de saúde, trazendo esperança à comunidade, mas essa promessa não se concretizou. A ausência de um posto de saúde não afeta apenas os moradores de Santana do Adroaldo, mas também as comunidades vizinhas. Sem essa estrutura, os moradores são obrigados a se deslocar para o posto mais próximo, situado a cerca de 10 quilômetros, ou até mesmo para a cidade de São Luís Gonzaga, que fica aproximadamente 24 quilômetros distante. Em casos de acidentes ou doenças mais graves, a maioria dos moradores opta por ir ao hospital regional da cidade vizinha, Peritoró-MA, devido à melhor condição da estrada e à proximidade em relação a São Luís Gonzaga. Essa situação ressalta a urgência de investimentos em saúde na região, que beneficiaram não apenas Santana do Adroaldo, mas toda a comunidade ao redor.

Em relação às políticas públicas, a grande maioria das famílias da comunidade tem acesso ao Bolsa Família, o que contribui significativamente para a renda familiar. Esse auxílio financeiro é uma importante fonte de suporte, ajudando essas famílias a atenderem suas necessidades básicas, como alimentação, educação e saúde. A quebradeiras de coco da comunidade também tem a acesso ao Política de Garantia de Preços Mínimos para os Produtos da Sociobiodiversidade (PGPM-BIO) que é voltado para produtores e produtoras rurais, especialmente aqueles ligados à agricultura familiar e extrativismo, é uma iniciativa que visa beneficiar os extrativistas, assegurando que eles recebam um preço justo pelos produtos que colhem da natureza. A política funciona da seguinte maneira: anualmente, o governo federal atualiza a lista de produtos que fazem parte da PGPM-Bio e define o preço mínimo que será garantido para cada um deles. Isso significa que há um compromisso em assegurar que os extrativistas não vendam seus produtos por valores muito baixos.

Após o conflito de terra no povoado Santana do Adroaldo, em 1985, surgiu o Grupo de Mulheres Santana, formado inicialmente por 12 mulheres. Hoje, o grupo conta com 12 integrantes ativas. A ideia inicial de formar o Grupo de Mulheres Santana surgiu quando algumas mulheres da comunidade e das comunidades vizinhas se reuniram com um técnico da Associação em Área de Assentamento no Estado do Maranhão (ASSEMA). Elas estavam inquietas ao perceber a quantidade de mangas que se perdia na comunidade sem uso algum. Essa preocupação levou as mulheres a pensar em uma forma de aproveitar essa fruta, e assim

começaram a produzir compota de manga. Desde o início, as fundadoras enfrentaram grandes desafios, sendo a falta de infraestrutura adequada uma das principais dificuldades. Quando começaram, elas tinham apenas uma casa de taipo e duas panelas para produzir seus produtos.

Com a produção da compota de manga, as mulheres enfrentaram um grande desafio: a falta de mercado e a dificuldade de escoamento dos produtos. Devido à baixa demanda, a compota se estragava rapidamente, o que resultava em prejuízos significativos, já que elas eram obrigadas a descartar os produtos e refazer todo o processo novamente. Essa situação gerou uma pressão constante sobre o grupo, que precisava encontrar soluções para evitar essas perdas.

Diante da necessidade de diversificar os produtos e garantir uma melhor aceitação no mercado, um técnico e algumas das fundadoras do Grupo de Mulheres Santana decidiram realizar uma pesquisa de mercado. O objetivo era entender se havia demanda para a produção de licores. Ao constatar que havia interesse, eles iniciaram um mapeamento da região focando na disponibilidade de frutas, especialmente o jenipapo, que poderia ser utilizado na produção.

Durante essa pesquisa, eles também identificaram outras frutas promissoras, como a acerola, o abacaxi e o tamarindo. A análise revelou que essas frutas poderiam ser trabalhadas de forma viável, oferecendo novas oportunidades para o grupo. No entanto, para o abacaxi, foi necessário ir além, elas precisaram planejar o cultivo da fruta. Assim, as mulheres começaram a procurar uma área ideal para o plantio.

Atualmente o grupo de Mulheres Santana conta com mulheres de três comunidades vizinhas além da comunidade sede e tem se destacado por diversas atividades que vão além da produção de geleias e licores. Além da produção, as mulheres do grupo participam de programas de formação para capacitar as envolvidas. Esses programas são essenciais para desenvolver habilidades em gestão, produção e comercialização, permitindo que as integrantes se tornem mais autônomas e confiantes em suas capacidades.

Outro destaque é o Festival do Babaçu, um evento anual que esse ano irá completar sua décima primeira edição. O festival tem se mostrado um sucesso crescente a cada ano, reunindo as comunidades e promovendo a cultura local. Durante o evento, as mulheres têm a oportunidade de mostrar seus produtos, compartilhar conhecimentos e fortalecer laços com outras comunidades. O festival não só celebra o babaçu como um recurso valioso da região, mas também é uma plataforma para a divulgação do trabalho do grupo e a promoção da economia local.

Atualmente, a estrutura da fábrica, depois de uma tão sonhada reforma, conta com um banheiro, um depósito, uma sala de vendas, duas cozinhas e uma sala de produção. A sala de produção possui ar condicionado, um desejo que foi realizado pelo grupo. Para quem começou com uma casa de taipo, ter uma estrutura dessas hoje é um verdadeiro sonho e um exemplo de luta.

Essa transformação não apenas reflete o crescimento do grupo, mas também simboliza a determinação e a união das mulheres envolvidas. Cada espaço da nova fábrica foi planejado para otimizar o trabalho e proporcionar conforto, permitindo que elas se dediquem ainda mais à produção de seus licores e geleias. Além disso, esse novo ambiente também fortalece a identidade do grupo e a conexão com a comunidade, pois se torna um local onde elas podem receber visitantes e compartilhar suas histórias.

A conquista dessa estrutura é mais do que apenas uma melhoria física, é um testemunho do poder da coletividade e da perseverança frente aos desafios. O Grupo de Mulheres Santana continua a inspirar outras iniciativas em sua região, mostrando que com trabalho árduo e solidariedade é possível transformar sonhos em realidade.

4.1 Gênero e Poder: Reflexões sobre a Construção de Identidades Femininas e contra os Estereótipos de Gênero e Relações Sociais na Comunidade Santana do Adroaldo

Esta seção tratará de questões de gênero na comunidade Santana do Adroaldo no município de São Luis Gonzaga, no Estado do Maranhão. Neste sentido, podemos compreender que as questões de gênero ainda predominam no nosso cenário atual, influenciando as relações sociais, econômicas e culturais da região. A persistência de estereótipos e desigualdades entre homens e mulheres revela a necessidade urgente de discutir e enfrentar essas questões. De acordo com as autoras Cardoso e Taveira (2017), que tratam que na antiguidade as mulheres foram moldadas e restringidas aos papel doméstico e submisso aos homens e a igreja.

Falar da mulher não é fácil, pois um ser humano que na antiguidade sua identidade se traduzia na esfera da vida privada, na Igreja na Administração em geral, seu dia-a-dia iniciavam e terminavam no espaço da casa e da família, não podiam sair sem o marido eram totalmente submissas aos homens se sentiam inferiores ao papel masculino. (Cardoso e Taveira, 2017, p. 56)

Podemos compreender que os desafios enfrentados pelas mulheres percorrem a anos e na comunidade Santana do Adroaldo não foi diferente. Para formar o grupo de mulheres foram enfrentados muitos desafios. Desde o início, essas mulheres se depararam com barreiras sociais e culturais que dificultaram a sua mobilização e organização. Muitas enfrentaram resistência tanto de dentro da comunidade quanto de estruturas sociais mais amplas, que muitas vezes subestimam os papéis e o potencial feminino.

Como a entrevistada Caju cita, em um momento de reflexão sobre sua experiência e desafios enfrentados no início e até hoje no grupo de mulheres:

O maior desafio foi quando eu comecei a trabalhar, participar do grupo, trabalhar, porque minhas crianças, minhas meninas, eram todas pequenas. E aí não tinha com quem eu deixasse elas, principalmente quando a gente tinha viagem para participar fora, sem ser na comunidade. Isso foi um desafio muito grande, porque a mãe não gostava muito de ficar, e reclamava, porque tinha as críticas. Aí ela dizia que não ia ficar com os meninos porque tinha as críticas. Eu deixava mais o pai deles lá, gostando ou não, ele tinha que ficar e eu ia participar. Levava os menores que eu podia levar, deixava os maiores em casa e participava. Esse foi um desafio muito grande para mim. (Caju, entrevista concedida em 9 de outubro de 2024 na comunidade Santana)

Com essa fala de uma das sócias fundadoras do grupo de mulheres fica claro e evidente os desafios enfrentados pelas mulheres em consolidar as responsabilidades familiares em casa e seu desejo e vontade de participar ativamente de sua comunidade e a busca de conhecimento fora da comunidade e assim tornando a luta por emancipação ainda mais árdua e difícil.

No contexto atual que vivemos de inúmeras transformações sociais, a busca por conhecimento se torna uma porta de entrada essencial para o crescimento e o desenvolvimento das comunidades, principalmente as quilombolas. Essas oportunidades representam um crescimento individual, mas também coletivo com aqueles que a muito tempo buscam por isso.

Eu vejo que o caminho é através dos estudos, da educação, da formação. Estamos formando muitos jovens que estão indo para fora para estudar, graças às políticas públicas. Antigamente, não tínhamos isso. E temos a sabedoria das nossas mais velhas. Elas são nosso tripé. Elas falavam “vão, nós seguramos o território. Acho que nós temos que ir buscar e trazer

conhecimento. Elas nos amparam e nós temos que ir. [...]. (Barizão et al, 2020, p. 20)

Um exemplo claro da busca por conhecimento é observado entre as mulheres, que, à medida que se dedicam a adquirir mais formação e experiências, tornam-se cada vez mais conscientes de seus direitos. Essa transformação é visível no relato da Caju, que, em sua fala, expressa com clareza como o acesso a eventos fora de suas comunidades a ajudou a saber seus direitos e a lutar por melhorias na sua comunidade.

A minha história no grupo é a seguinte, através do grupo, nós participamos de eventos fora, a gente fica bem vista e conhece os direitos que é para conhecer, o direito que as mulheres têm. Foi através do grupo participando das organizações também e as entidades, pois têm as entidades que ajudam muita gente. Isso foi uma história até que é bem longa para eu contar. Mas eu gostei de estar participando dos grupos. E não é só do grupo aqui, porque a gente conhece outros grupos, porque a gente já foi visitar alguns grupos de produção. E isso é uma coisa muito boa, que se as mulheres da comunidade quisessem, todas elas, era bom demais. Porque a gente aprende a fazer as coisas, aprende a ser uma pessoa mais bem vista. E para mim é muito bom. (Caju, entrevista concedida em 9 de outubro de 2024 na comunidade Santana)

Essa declaração é importante revela uma informação primordial, a importância da participação em grupos e organizações para a emancipação e o conhecimento das mulheres na comunidade. Através do envolvimento em atividades coletivas, as mulheres não apenas se tornam mais conscientes de seus direitos e deveres, mas também adquirem confiança para reivindicá-los.

A participação feminina ao longo da história nas comunidades tradicionais e quilombolas é bastante importante para a formação delas e, especialmente entre as mulheres quilombolas. Sempre muito ativas, elas contribuíam em diversas atividades, sendo essenciais tanto na agricultura quanto na sua família, e esse legado ainda é comum passar de geração a geração.

As mulheres sempre participaram de tudo desde a época remota. As mulheres quilombolas têm realmente uma história de participação. Resumindo: as mulheres, antigamente, trabalhavam como sempre na roça. Era atividade, não existia outra. Era roça, era cuidar de filho, era cuidar de marido, cuidar de animais e tudo que existia para a subsistência dos antepassados. Então, a mulher sempre foi ativa em tudo. Essa

atividade delas, chamada “tradicional”, foi passando para nós, uma passando o que sabe para outra. (Barizão et al, 2020. p. 11)

O legado de força e resistência que passam ao longo dos séculos pelas mulheres, como a Barizão cita, que as mulheres têm participação desde o cultivo até o cuidado com a família e que isso era passado ao longo dos tempos de mãe para filha. Mas nos dias atuais não se trata mais apenas dos cuidados com o cultivo da terra e com a família, que são transmitidos de geração para geração entre as mulheres, mas também da profunda vontade de crescer em conjunto e de somar em movimentos sociais. Isso fica claramente evidenciado na fala de uma jovem entrevistada, que compartilha o que lhe motivou a participar do grupo de mulheres.

O que me motivou a entrar no grupo foi, desde muito jovem, eu presenciar as mulheres da minha família, acompanhar, sempre estar dentro das reuniões, juntamente com a minha mãe, com a minha prima, que desde sempre também participam do grupo. E a partir dali eu fui criando uma admiração pelas mulheres que são do grupo e isso me fez querer participar daquilo, estar por dentro daquilo também. Então foi essa admiração que fez eu querer participar do grupo também. (Abacaxi, entrevista concedida em 9 de outubro de 2024 na comunidade Santana)

Essa declaração revela sobre como a admiração e o exemplo das mulheres em sua família foram cruciais para o despertar de seu desejo de se inserir em atividades coletivas assim como sua mãe. Ao testemunhar a força, a garra e determinação das mulheres ao seu redor, a entrevistada reconheceu a importância do grupo, mas também sentiu uma conexão e vontade de somar e integrar ao grupo. Assim, a participação no grupo não é apenas uma conexão individual, mas uma continuação de um legado.

E o depoimento dessa entrevistada não é o único que mostra a importância de ter boas influências ao redor dos jovens para a sua formação na sociedade e a se sentirem motivadas a fazer parte de uma organização com visão de um bem maior. Laranja, menciona isso ao descrever sua história dentro do grupo de mulheres:

A minha história como eu disse no início começou da minha mãe, eu me espelhando nela, vendo o exemplo dela e também vendo a minha madrinha que era uma das fundadoras do grupo e também tem uma outra vizinha que sempre participa do grupo e eu sempre acompanhava vendo elas participando dessas atividades e eu me sentia motivada vendo ela fazer esses

trabalhos e trazendo alguns benefícios para a família é a contribuição dela na casa e trazer muito benefício não só para a família mas também para a comunidade e servia de exemplo para muitas pessoas e esse exemplo serviu para mim e eu quis contribuir de certa forma igual elas faziam, ajudando as pessoas e me ajudando e ajudando a minha família. (Laranja, entrevista concedida em 9 de outubro de 2024 na comunidade Santana)

O relato da entrevistada revela como as figuras femininas em sua vida, como sua mãe, madrinha e vizinha, serviram não apenas como inspiração, mas também como um impulso para sua própria trajetória no grupo e talvez em futuras outras lutas. A história dela é um lembrete inspirador de como podemos ser agentes de mudança quando nos deixamos influenciar por aqueles que nos cercam.

Nos últimos anos, o crescente aumento dos movimentos feministas alcançou resultados positivos na vida das mulheres, cuja história de lutas levou a muitas conquistas, iniciando uma nova etapa, envolvendo sua participação nas decisões políticas, assegurando seu direito à cidadania e sendo, como os homens, agente de transformação (Carvalho, 2011). A importância dos movimentos feministas tanto para a sociedade como para as comunidades tradicionais, e que ao longo dos anos esses movimentos têm aumentado significativamente na vida das mulheres.

Como destaca uma das entrevistadas que sua motivação principal para se juntar ao grupo de mulheres foi ver o esforço e a dedicação das participantes do grupo.

O que me levou a participar do grupo de mulheres foi o empenho delas. Eu achava muito interessante participar de várias discussões, participar dos movimentos. E sem falar na autoestima da mulher. (Jenipapo, entrevista concedida em 9 de outubro de 2024 na comunidade Santana)

O reconhecimento do "empenho delas" evidencia a força e a inspiração que a união feminina pode proporcionar, motivando outras a se encorajar em causas coletivas. O interesse em participar de discussões e movimentos reflete uma busca por aprendizado, troca de ideias e envolvimento ativo na sociedade, destacando a importância da voz feminina em questões relevantes. Além disso, a autoestima ressalta como os movimentos sociais não promovem apenas conhecimento em geral, mas também fazem com que as mulheres tenham mais autoestima e se sintam mais confiantes.

A realidade de mulheres que, ao se casarem com homens ou ao entrar no grupo

casadas, acabam perdendo sua identidade e conexão com o coletivo. Os maridos tendem a querer assumir o controle sobre a vidas de suas esposas levando-as a assumir novas funções e se afastar da participação ativa na comunidade. Como salienta na citação a autora Barizão (2020):

[...] Muitas das mulheres que são casadas com terceiros não assumem a si mesmas. Os maridos assumem a vida delas e, com isso, elas vão deixando a comunidade de lado e vão assumindo outras funções, não participam. Estamos sentindo isso na pele. Imagine se várias mulheres forem casar com terceiros. (Barizão et al, 2020, p. 15)

A preocupação expressa pelas autoras é que, se essas mulheres optarem por deixar a comunidade de lado para assumir outras funções, pode haver uma desconexão das mulheres em relação à sua cultura, tradições e laços comunitários. Na medida em que essas mulheres se casam com terceiros e deixam de se relacionar com causas ligadas a comunidade, e assim de certa forma enfraquece a comunidade como um todo. Casar-se não é uma catástrofe, mas o quanto seria excelente para a comunidade que quando uma mulher ativa em sua comunidade ao se casar com terceiros consiga encorajá-lo a juntar-se à causa e não os homens quererem assumir as vidas delas e afastá-las da causa.

Às vezes as mulheres sentem vontade de se juntar a algum movimento mas não tem apoio dos seus parceiros. Caju, uma das entrevistadas, falou sobre as mudanças que ela percebeu com a participação dela no grupo e como ela se sentiu mais empoderada.

Para a gente ser independente e ter autonomia da gente é obrigado a ter coragem e ter conhecimento das coisas também. De pouco a gente vai tendo conhecimento das coisas, vai criando coragem e vai tendo a oportunidade de fazer as coisas. O grupo foi um grande incentivo para algumas mulheres da comunidade, como para mim foi um grande incentivo, mas tem outras que também queriam, mas devido ao machismo do marido em casa, ela não teve coragem e nem apoio em casa para seguir em frente. (Caju, entrevista concedida em 11 de janeiro de 2025 na comunidade Santana)

Esse depoimento revela como o contexto familiar e social pode influenciar diretamente a capacidade das mulheres de buscar sua autonomia. Para que mais mulheres possam se sentir livres e apoiadas em suas decisões, é essencial trabalhar não apenas na conscientização sobre a importância da emancipação feminino, mas também na desconstrução de normas machistas

que ainda persistem nas relações familiares.

O grupo de Mulheres Santana é um coletivo resistente e de luta, formado por mulheres guerreiras que desejam ver mudanças em sua comunidade por meio da união. No entanto, sabemos que, mesmo sendo fortes, elas precisam de apoio e encorajamento para continuar sua trajetória. Durante a roda de conversa, foi perguntado a elas se acreditam que, com mais apoio dos homens da comunidade, poderiam fortalecer ainda mais o grupo.

Fortalecia, porque só a gente ter o apoio dos homens da comunidade, tanto faz ser o marido da mulher que faz parte do grupo como dos outros, só de ter aquele apoio, já melhoraria, porque quando a gente faz um evento aqui do grupo, se não for algum do marido da gente que vem ajudar na limpeza, em fazer uma latada, em fazer alguma coisa, os outros não aparecem e ainda ficam criticando (Manga, entrevista concedida em 11 de janeiro de 2025 na comunidade Santana)

A crítica à ausência de apoio dos outros homens, que se limitam a observar e criticar sem se envolver, revela uma realidade comum em muitas comunidades que é a falta de engajamento e solidariedade. Quando os homens não participam ativamente e ainda fazem questão de criticar o que elas fazem, não apenas se perde uma oportunidade valiosa de colaboração, mas também permanece uma cultura de desinteresse e desvalorização do trabalho das mulheres.

A Jenipapo, outra entrevistada, também menciona a falta de apoio em relação à preservação dos frutos na comunidade. Ela ressalta que a maioria dos moradores não entende a importância dessa preservação, tanto para o grupo quanto para a comunidade como um todo.

Sem falar também na preservação dos frutos que a gente usa, porque os que não entendem a importância do tamarindo, do abacaxi, do jenipapo pra gente, tá nem aí, na hora que quiser derrubar um pé de tamarindo. Só isso aí já é um apoio porque a gente teve uma perda grande aqui na comunidade por conta de pessoas que não entendem qual é a necessidade do grupo, com aquele fruto que tem na comunidade, e o descaso que ele faz, e não tá nem aí, não olha ao redor, porque tem um grupo de mulheres que precisa daqueles frutos, e eles chegam lá e matam. (Jenipapo, entrevista concedida em 11 de janeiro de 2025 na comunidade Santana)

Entender a importância da preservação desses frutos seria o primeiro passo para acabar com esse descaso. Essa preservação é fundamental não apenas para a comunidade, mas

especialmente para o grupo de mulheres, que depende desses recursos. Além disso, os moradores também poderiam se beneficiar dos frutos disponíveis.

No entanto, o descaso muitas vezes pode vir de pessoas que, de alguma forma, desejam enfraquecer o grupo. É crucial que todos na comunidade reconheçam que cuidar do meio ambiente e dos recursos naturais é uma responsabilidade compartilhada. Quando cada um se compromete com a preservação, todos ganham: a comunidade se torna mais forte e unida, e as mulheres podem continuar seu trabalho essencial com os frutos que sustentam suas atividades.

Eu acho que não seja nem tanto um descaso eu acho que seja o machismo dos homens e da própria comunidade porque eles não aceitam, não concordam com o nosso trabalho. Quando eles fazem isso, fazem uma birra com a gente, porque quando estamos nas reuniões, na Assembleia da Associação, a gente fala que a gente precisa daqueles frutos e eles veem toda hora o que a gente necessita, o que a gente produz aqui dentro da unidade. Porque a Tamarina, o Jenipapo, porque as outras coisas que a gente trabalha, a gente tem a ver no fundo da casa, que é a acerola, o abacaxi é um plantio que a gente tem. (Caju, entrevista concedida em 11 de janeiro de 2025 na comunidade Santana)

Observa-se que mais do que um simples descaso, o que está em jogo é uma forma de machismo que permeia as relações entre homens e mulheres. Essa percepção revela como as vozes femininas podem ser desvalorizadas, especialmente quando se trata do trabalho e das necessidades das mulheres. Esse comportamento pode ser visto como uma forma de birra ou desdém, onde suas contribuições são ignoradas, mesmo quando elas expressam claramente suas necessidades e a relevância dos frutos que cultivam.

A maioria das mulheres enfrentam diversos percalços para fazer parte de alguma associação ou grupos, e um deles é dentro de sua casa. Jenipapo uma das sociais do grupo fala sobre isso ao ser questionada sobre seus desafios ao entrar no grupo.

Foi em casa eu consegui passar para o meu marido qual era o sentido de participar de oficinas, de eventos fora da comunidade e ter que dormir fora, deixar a criança pequena com ele. Mas com o passar dos anos, foi indo, foi indo, até que agora está normal. Já estou saindo, passo de semana fora. Então, uma dificuldade foi essa, mas a conquista que a gente está tendo, que ele viu que tinha sentido a nossa luta e a participação de reuniões fora da comunidade. (jenipapo, entrevista concedida em 9 de outubro de 2024 na comunidade Santana)

O relato da Jenipapo mostra uma verdadeira superação e força de coragem para que ela conseguisse fazer o marido entender a importância de participar de eventos fora de casa. A história dela mostra que, quando o parceiro apoia, as mulheres conseguem conquistar muito mais espaço e liberdade para se envolver na comunidade. O apoio do parceiro é fundamental para que as mulheres continuem nessa jornada, pois muitas das vezes o machismo partindo de dentro de casa impede com que elas possam evoluir e não fiquem apenas submissas aos seus maridos, trabalhos domésticos e cuidar de seus filhos.

O machismo muitas vezes impõe que o lugar das mulheres é dentro de casa cuidando dos serviços domésticos, dos filhos e dedicadas exclusivamente a família, enquanto os homens são responsáveis pelo sustento da casa e dono de todas as decisões, assim dificultando com que as mulheres sejam ativas em sua comunidade, e em outras esferas sociais.

Não tem como negar de como é complexo lidar com duas funções ao mesmo tempo, então imagina como é complicado para as mulheres lidarem com a vida de mãe e profissional simultaneamente.

Portanto, acredita-se que pensar acerca da maneira de ser e de enxergar da mulher diante da condição de ser mãe e profissional, restitui a necessidade de averiguação das dessemelhantes formas admissíveis do ser da mulher que, por ocasiões, advém se perder no mundo, esquecer se de si própria, vindo a ser mais uma, e que o seu ambicionar, o seu pensar e o seu fazer, se encontra naquilo que o mundo define que precisa ser. (Mendes, s.d, p. 4)

Apesar das múltiplas tarefas assumidas pelas mulheres, é preciso reconhecer as tarefas domésticas e a maternidade como trabalho não assalariado, muitas vezes precário e não valorizados, e assim, garantir que essas tarefas não sejam apenas da mulher, mas do conjunto familiar. Assim, podemos superar a dupla, e muitas vezes tripla, jornada de trabalho pelas mulheres e garantir que elas não esqueçam dos seus próprios desejos.

A realidade enfrentada por muitas mulheres que, além de serem donas de casa e mães, também se envolvem ativamente em suas comunidades. Manga, ao ser questionada dos seus desafios na sua trajetória no grupo, expressa a dificuldade de equilibrar as inúmeras responsabilidades diárias, que já incluem cuidar da casa, da família e das atividades na roça.

O maior desafio foi porque a gente como dona de casa mãe de família a gente já tem muitas atividades na comunidade na roça no quintal em casa mesmo e filhos. E para participar a gente não participa só na comunidade a gente tem que estar buscando conhecimento participando de seminários fora, passando dois dias três dias fora, o desafio é esse, é o acúmulo de atividade mesmo. (Manga, entrevista concedida em 9 de outubro de 2024 na comunidade Santana)

O que a Manga diz mostra bem como a vida de muitas mulheres é cheia de desafios. Ela teve que dar conta de “mil e uma coisas”, ou seja, de jornadas triplas de trabalho, desde cuidar da casa e dos filhos até se envolver na comunidade e ainda buscar conhecimento fora da comunidade. O que fica evidente neste depoimento é que, mesmo com toda essa carga, essas mulheres estão na luta para crescer e fazer a diferença onde vivem. Elas não só se dedicam à família, mas também buscam se aprimorar e contribuir para um bem maior.

E o relato dessa entrevistada não foi o único a demonstrar a dificuldade de conciliar as atividades domésticas com as responsabilidades do grupo. Tamarindo também aborda essa questão, ao ser questionada sobre suas dificuldades ressaltando como o acúmulo de tarefas pode abalar a participação das mulheres nas iniciativas coletivas:

Foi ter que conciliar as atividades domésticas de casa com as atividades do grupo, da casa, da fábrica que a gente tem que trabalhar lá, fazer licor, aí a gente tem que se dividir em duas nessa parte, tem que fazer as tarefas domésticas em casa e tem que fazer as atividades do grupo na fábrica. (Tamarindo, entrevista concedida em 9 de outubro de 2024 na comunidade Santana)

O desabafo de Tamarindo evidencia o desafio enfrentado por muitas mulheres que precisam equilibrar suas responsabilidades domésticas com as atividades coletivas e trabalho. Essa divisão de tarefas não só sobrecarrega suas rotinas, mas também destaca a luta constante por reconhecimento e apoio em suas múltiplas funções.

A situação se torna ainda mais complexa quando se é mãe de crianças pequenas, pois requer mais atenção e cuidados, tornando assim mais difícil a mulher se comprometer em outras atividades.

Um dos maiores desafios foi depois que eu me tornei mãe, porque teve a gestação, aí veio depois de ter elas teve a amamentação, aí não teve como contribuir muito com o grupo. Agora elas já estão um pouco grandinhas, mas

ainda tem certa dificuldade para eu poder sair para contribuir com algumas coisas na fábrica. Isso está sendo a maior dificuldade ainda da participação minha no grupo. (Laranja, entrevista concedida em 9 de outubro de 2024 na comunidade Santana)

A gestação e a amamentação causaram limitações significativas para que ela pudesse contribuir com o grupo, evidenciando como a maternidade pode impactar a vida social e profissional das mulheres. Embora suas filhas estejam crescendo, Laranja ainda enfrenta desafios para produzir nas atividades da fábrica.

A relação entre maternidade e carreira é um tema difícil que envolve diversas expectativas e ameaças sociais. As concepções sobre o papel da mãe e a importância da profissão influenciam diretamente os meios que as mulheres desenvolvem para equilibrar esses dois níveis de suas vidas.

As concepções a respeito da maternidade e da carreira fazem com que as mães criem estratégias nesses dois ambientes para conciliar os múltiplos papéis. Os estudos apontam que a crença da mãe como única capaz de cuidar do filho traz sentimentos de ansiedade e insatisfação na mulher. Já a supervalorização da carreira gera medo de provocar a falta excessiva ao bebê e uma terceirização demasiada dos cuidados com a criança. (Mendes e Fonseca, s.d., p. 8)

As crenças em torno da maternidade e da carreira colocam as mães em uma posição desafiadora, onde precisam encontrar formas de equilibrar suas responsabilidades. A pressão para ser a única responsável pelos cuidados dos filhos pode levar a sentimentos de ansiedade e de cobrança em cima dela.

Muitas mulheres enfrentam desafios sociais e sobrecargas que dificultam o retorno ao trabalho após a maternidade. Além disso, a satisfação delas em relação à vida profissional desempenha um papel essencial nessa decisão.

[...] Nesse sentido, as mulheres que optam por serem mães ainda sofrem: estigma social, sobrecarga, e tendem a postergar o retorno ao trabalho. E numa segunda justificativa, também devemos levar em consideração, o grau de satisfação das mulheres em relação ao que fazem, sendo essa uma das principais razões para muitas mulheres retornarem ao trabalho após o nascimento do filho. (Mendes e Fonseca, s.d.,p. 8)

Para muitas mulheres, a realização no trabalho é tão significativa que se tornam dispostas a enfrentar esses desafios, buscando retomar suas carreiras como uma forma de equilibrar suas identidades de mãe e profissional. A complexidade da experiência materna, onde fatores externos e internos interagem na decisão de voltar ao trabalho, e também sua força de vontade de vencer por si e pelo seu filho.

Observamos que trabalhar fora de casa; trabalhar na manutenção da casa; estudar e cuidar de uma ou mais crianças, se por um lado essa “equação” pode refletir a imagem admirada pela sociedade de uma “super mulher”, o dia a dia mostra que, na realidade, esse “fardo” disfarçado de elogio, pode acarretar num acúmulo de jornadas de trabalho, se essa mulher não tiver uma chamada “rede de apoio”. (Mendes e Fonseca, s.d.)

4.2 Identidade e Luta do Grupo de Mulheres Santana como Sujeitos de Direitos no Cenário Político e Social

Nesta seção, exploramos a trajetória das mulheres do grupo de mulheres Santana, investigando como elas se percebem como sujeitos ativos no cenário político e social. A partir de suas vivências e experiências cotidianas, essas mulheres constroem identidades políticas únicas que refletem não apenas suas realidades individuais, mas também as dinâmicas coletivas que as unem em busca de um bem coletivo. Ao compartilhar suas histórias, desafios e conquistas, elas revelam a importância da aliança e do apoio mútuo na formação de uma consciência política crítica. Compreender como as aberturas de gênero, classe e raça influenciam suas perspectivas e ações, além de destacar o papel fundamental que desempenham na luta por igualdade e justiça social em suas comunidades.

O trabalho e a contribuição das mulheres para a economia muitas vezes foram deixados de lado e não reconhecidos. A importância de discutir essa invisibilidade e as controvérsias que a cercam.

Ao longo do tempo, as mulheres tiveram a riqueza gerada pelo seu trabalho e o seu papel na economia invisibilizada. Foi considerando essa invisibilização e controvérsias, que se faz necessário abrir espaço à discussão sobre o papel e a participação das mulheres na construção de uma sociedade mais justa, nos espaços públicos como protagonistas de sua história. (Queiroz, 2018, p. 16)

A invisibilidade histórica que cercou suas contribuições precisa ser provocada e é fundamental promover discussões que coloquem as mulheres como protagonistas em sua própria narrativa. No grupo de mulheres Santana esse protagonismo começou a partir da vontade de trabalhar e evitar o desperdício de manga, como cita uma das sócias fundadora do grupo.

Olá, eu sou uma sócia fundadora, porque eu fui uma das fundadoras do grupo. O que me motivou foi a perda de manga que a gente tinha aqui. Tinha muitas mangas, e chegou um técnico da ASSEMA e perguntou se a gente não queria trabalhar através daquelas mangas. A gente disse que sim. Eles queriam caçar um meio da gente aproveitar as mangas para entressafra. Ele trouxe a solução e a gente foi e começou a trabalhar. (Caju, entrevista concedida em 9 de outubro de 2024 na comunidade Santana)

A história inspiradora de Caju, uma das fundadoras de um grupo que surgiu a partir da necessidade de aproveitar as mangas que estavam sendo perdidas. A iniciativa, impulsionada pela proposta de um técnico da ASSEMA (Associação em Área de Assentamento no Estado do Maranhão), demonstra como a colaboração e a busca por soluções criativas podem transformar desafios em oportunidades na sua comunidade.

Além do desperdício das mangas, através das atividades do grupo, as pessoas começaram a valorizar a preservação do meio ambiente, evitando o uso de agrotóxicos e protegendo as espécies locais, como o jenipapo e a acerola.

A participação no grupo contribuiu muito para a comunidade. A partir do grupo, as pessoas da comunidade tiveram mais consciência em preservar o meio ambiente e não usar agrotóxico em terreiro, em quintal, em deixar os pés de jenipapo, porque é a fruta que mais a gente produz o licor, os pés de tamarindo, plantar acerola, preservar os pés de acerola. Enfim, a partir do grupo, as mulheres ficaram mais conscientizadas a lutar pelos seus objetivos, a lutar pela moradia de qualidade, lutar pela educação de qualidade, pela saúde de qualidade e lutar mesmo pela preservação dos babaçuais, de não deixar os seus maridos derrubar palmeiras, não deixar os fazendeiros de ao redor derrubando palmeiras. Sempre assim, está lutando pelo bem-estar da comunidade e isso foi fortalecendo mais através da formação do nosso grupo. (Manga, entrevista concedida em 9 de outubro de 2024 na comunidade Santana)

Através dessa união, a comunidade não apenas se tornou mais consciente da importância da preservação do meio ambiente, mas também as mulheres da comunidade que fazem parte do grupo se mobilizaram por direitos fundamentais, como moradia, educação e

saúde de qualidade. A atuação das mulheres, em particular, ilustra um fortalecimento coletivo que promove o bem-estar da comunidade, reforçando a ideia de que a organização e a cooperação são fundamentais para enfrentar desafios e alcançar objetivos comuns.

A Acerola, a outra entrevistada, também evidencia isso e indaga que foi assim, e por um convite de sua tia, que ela se interessou em participar do grupo:

De início, eu fui convidada por uma das mulheres; eu não lembro quem foi, se foi a manga. E fui vendo a luta de cada uma delas pela preservação do meio ambiente e dos babaçuais. (Acerola, entrevista concedida em 9 de outubro de 2024 na comunidade Santana)

A luta das mulheres pela preservação do meio ambiente e dos babaçuais revela não apenas a relevância desses ecossistemas, mas também o papel ativo que essas mulheres desempenham na defesa de seus direitos e da natureza. Essa experiência também reflete um processo de aprendizado e emancipação, onde a observação da luta alheia pode inspirar uma transformação pessoal e coletiva.

De acordo com Carvalho (s.d.) “[...] as mulheres vêm avançando em sua emancipação. A partir da década de 70 até os dias de hoje, a participação das mulheres no mundo tem apresentado uma espantosa progressão”. Nesse sentido, essa evolução é um testemunho da resiliência e da luta contínua das mulheres por seus direitos. A sororidade e a solidariedade entre elas têm sido essenciais para fortalecer essa trajetória, criando redes de apoio e incentivo mútuo. Por outro lado, é importante reconhecer que, apesar dos avanços, ainda existem muitos desafios a serem enfrentados.

A importância do grupo de mulheres para a comunidade Santana na promoção da visibilidade local, é evidenciado por uma das entrevistadas e sócia do grupo de mulheres e deixa explícito como esse grupo traz novos olhares tanto para a comunidade quanto para o município.

Tem ajudado na visibilidade da comunidade pois quando se fala na comunidade Santana muitas pessoas já se referem ao grupo de mulheres e também através do festival que ficou bem visível à comunidade. Ajudou bastante também o festival por conta do grupo e aí a comunidade toda se tornou visível aos olhos de muitas pessoas que não conheciam o nosso trabalho e a comunidade. (tamarindo, entrevista concedida em 9 de outubro de 2024 na comunidade Santana)

Através do festival e dos licores e geleias, não apenas o trabalho dessas mulheres foi reconhecido, mas a comunidade como um todo ganhou destaque, atraindo a atenção de pessoas que antes desconheciam suas iniciativas. Isso demonstra o poder da organização do grupo de mulheres em promover mudanças positivas e fortalecer a identidade local, ampliando o reconhecimento e a valorização do trabalho coletivo.

Além do mais, não foi somente a visibilidade que ter um grupo ativo ainda mais sendo inclusivamente de mulheres trouxe para a comunidade que abriga o grupo. Laranja comenta sobre isso ao ser indagada sobre a importância do grupo para a comunidade.

Tem contribuído de várias formas, trazendo projetos e desse projeto traz benefícios para a comunidade, a comunidade se fortalece mais com esse benefício desses projetos e traz valorização para a comunidade, reconhecimento e muito mais. (Laranja, entrevista concedida em 9 de outubro de 2024 na comunidade Santana)

Laranja ressalta que, com esses projetos, a comunidade se fortalece e se valoriza ainda mais, ganhando reconhecimento e respeito. Com o reconhecimento do grupo de mulheres no município e até mesmo no estado, vem junto com o conhecimento dessa comunidade quilombola que até então não era desconhecida aos olhos de muitas pessoas. Como podemos observar nas entrevistas abaixo:

De certa forma, tem ajudado bastante. A nossa comunidade é bem-vista pelo grupo de mulheres da Santana; já vieram projetos e várias visitas de fora para nos visitar. Então, de certa forma, a nossa comunidade tem um nome por conta do grupo de mulheres de Santana. (Jenipapo, Entrevista concedida em 9 de outubro de 2024 na comunidade Santana)

Outro fator importante é a participação em programas de formação que não apenas proporciona conhecimento, mas também promove a conscientização sobre questões cruciais, como a preservação dos babaçuais e a valorização da estrutura nativa da comunidade.

Várias mulheres da comunidade participam de formação; e assim, conhecem a conscientização sobre a preservação dos babaçuais e da estrutura nativa da comunidade. (Acerola, entrevista concedida em 9 de outubro de 2024 na comunidade Santana)

É de suma importância as formações que várias mulheres da comunidade estão participando, com foco na conscientização sobre a preservação dos babaçuais e da estrutura nativa do local. Nesse sentido, os estudos atuais sobre mulher e trabalho são super importantes, pois vêm da luta dos movimentos sociais, principalmente do feminismo.

São inquestionáveis as contribuições dos estudos contemporâneos sobre mulher e trabalho, pois emergem das práticas políticas que marcam o percurso de movimentos sociais, sobretudo, o feminista, trazendo para a cena política um amplo questionamento e debates sobre posturas e comportamentos que, tradicionalmente, vinham sendo adotados como explicações “naturais” para atitudes discriminadoras e práticas políticas de dominação e submissão. (Queiroz, 2018, p. 16)

O autor provoca um debate bastante necessário sobre as atitudes e comportamentos que antes eram considerados normais, mas que sustentavam a discriminação e a dominação. Assim, essas pesquisas não apenas iluminam as desigualdades existentes, mas também abrem espaço para novas discussões e ações em prol da igualdade de gênero no ambiente de trabalho e na sociedade como um todo.

As lutas das mulheres por respeito e igualdade ainda se arrastam por anos. Mesmo com as diversas conquistas obtidas ao longo das décadas, elas ainda enfrentam discriminações no dia a dia. Isso fica bastante evidente na fala da entrevistada Manga, ao ser questionada sobre de que maneira elas identificam a influência do machismo nas dinâmicas do grupo e nas atividades que desenvolvem.

Já houve algumas situações de pessoas que disseram assim, “ah, aquele grupo ali não vai pra frente” Tipo assim, porque é grupo de mulher. “Ah, não vai pra frente em nada, ah, aquele grupo de mulher não passa daquilo”. E hoje a gente vê que passou do que começou. Ele começou pequeno e hoje tem um grupo maior. (Manga, entrevista concedida em 11 de janeiro de 2025 na comunidade Santana)

A narrativa destaca como, apesar das vozes negativas que duvidaram do potencial das mulheres, elas conseguiram crescer e se desenvolver, transformando suas aspirações iniciais em realizações concretas. Essa trajetória de evolução é um testemunho da força comunitária e da determinação coletiva, que desafia as expectativas e mostra que o trabalho conjunto pode

levar a resultados significativos.

Mas o machismo não vem por parte do esposo das mulheres, e sim de algumas pessoas da comunidade local e vizinhas que não entendem e nem procuram entender o propósito do nosso grupo. (Manga, entrevista concedida em 11 de janeiro de 2025 na comunidade Santana)

É importante o que a entrevistada ressalta, ela mostra que o machismo não vem por parte dos maridos das envolvidas com o grupo, mas de algumas pessoas da comunidade e comunidades vizinhas que não entendem a proposta do grupo. Essa falta de compreensão e conhecimento a respeito do grupo pode criar um ambiente hostil, onde as mulheres se sentem desmotivadas.

Vem de quem não conhece a história do grupo, a nossa trajetória porque na verdade não é só para ganhar dinheiro mas sim, vários aprendizados que a gente tem, tipo intercâmbio, a gente sai daqui para participar em outro lugar, em outras cidades. (Jenipapo, entrevista concedida em 11 de janeiro de 2025 na comunidade Santana)

Muitas vezes, essas críticas estão ligadas ao machismo, que se manifesta na falta de entendimento sobre o papel e as contribuições das mulheres na comunidade. Quando as pessoas não estão informadas sobre o trabalho do grupo, podem supor que ele não tem valor ou importância. Essa visão distorcida é frequentemente alimentada por preconceitos e estereótipos que minimizam as experiências femininas.

No tempo que saiu o projeto do Banco do Brasil, um homem que não vou nem falar o nome que não tinha nada a ver com a história, disse o que, que nós estávamos correndo atrás desse projeto, um grupinho de merda desse que não ia para lugar nenhum. (Acerola, entrevista concedida em 11 de janeiro de 2025 na comunidade Santana)

Acerola revela um exemplo claro de machismo e desvalorização do trabalho das mulheres em sua comunidade. Ao mencionar que um homem, que não estava envolvido na situação, fez críticas ao grupo, ela destaca como a opinião de alguém de fora pode ser prejudicial e desinformada. A expressão "um grupinho de merda" reflete a tentativa desse

homem de diminuir a importância do que as mulheres estavam fazendo, como se suas lutas e esforços fossem irrelevantes.

Outro fator de relevância que foi abordado na roda de conversa foi às mudanças que elas gostariam de ver na sociedade e na comunidade, para que mais mulheres se sintam encorajadas a participar de grupos como o delas.

O apoio dos homens principalmente, porque os homens são os primeiros a dizer que mulher não faz nada, mulher não presta nada, que nem a Maria falou, que nem as outras falaram que eles dizem que esse grupinho de merda vai fazer o quê? Agora, se fosse um grupo de homens, iam dizer eita homens topados, tem a força esses homens ali, tem o poder. Agora, como é um grupo de mulheres, não falam nada, só criticam. (Tamarindo, entrevista concedida em 11 de janeiro de 2025 na comunidade Santana)

A entrevistada faz uma comparação poderosa ao dizer que, se o grupo fosse formado por homens, haveria uma valorização instantânea, com elogios e reconhecimento de sua força e poder. Esse contraste revela um preconceito enraizado: enquanto os homens são frequentemente celebrados por suas ações e iniciativas, as mulheres enfrentam ceticismo e desdém. A expressão "grupinho de merda" reflete a frustração com essa desvalorização, mostrando como as críticas não apenas desmerecem o trabalho do grupo, mas também perpetuam a ideia de que apenas os homens têm capacidade para realizar grandes feitos.

Atualmente é de suma importância que as mulheres saibam seu direito e seu lugar de fala na sociedade, e participar de representações sociais ajudam bastante nessa luta de construção de identidades.

O que fica aí explicitada é a força das representações sociais na construção de identidades e, conseqüentemente, na definição dos papéis dos indivíduos na sociedade. Discutir gênero e trabalho traz possibilidades de entender que as relações de poder, historicamente, vêm justificando a desigualdade entre homens e mulheres, como oriunda de relações de dominação e subordinação. (Queiroz, 2018. p. 16)

Discutir essas questões é importante porque nos ajuda a reconhecer e desafiar essas normas sociais. Quando entendemos de onde vêm essas desigualdades, podemos trabalhar juntos para mudá-las, buscando um ambiente mais igualitário onde todos tenham as mesmas

oportunidades e possam expressar suas identidades sem limitações impostas por preconceitos.

O incentivo para as mulheres é participar de movimentos sociais, participar de reuniões porque é através das reuniões que a gente vai ter mais conhecimento é trabalhar em grupo, trabalhar no coletivo, que esse nosso trabalho traz muito benefício para a sociedade como preservar do meio ambiente, dos babaçuais. Se tivesse mais mulheres participando do movimento sociais, dos grupos, das reuniões, ia ter mais esclarecimento para participar do grupo. Porque o grupo desse só participa se tiver conhecimento sobre o grupo. Tem muita gente que acha que a gente ganha muito dinheiro. Às vezes entra pensando só em ganhar dinheiro, em ganhar, em tudo que tem uma reunião, vamos passar dois dias numa reunião fora, aí já não acha tempo para ir. A gente vai e fica insistindo dizendo que não é nem para dormir, vamos, aí colocam desculpa e não participa. Então, mais participação da mulher. (Manga, entrevista concedida em 11 de janeiro de 2025 na comunidade Santana)

A importância da participação das mulheres em movimentos sociais e reuniões comunitárias Manga enfatiza muito bem que, ao se envolverem nessas atividades, as mulheres não só ganham conhecimento, mas também têm a chance de trabalhar em conjunto para trazer benefícios à sociedade, como a preservação do meio ambiente e dos babaçuais.

Sabemos que ter políticas públicas que ajudem essas mulheres a continuar sua luta é extremamente essencial para o fortalecimento delas. No entanto, é importante reconhecer a precariedade em que vivemos. O relato da entrevistada deixa isso claro, evidenciando as dificuldades enfrentadas no dia a dia e a necessidade urgente de apoio institucional.

Em questão de políticas públicas desde do período em que nós estamos trabalhando com o grupo, todas as gestões que já entraram no nosso município a gente procurou, mas não teve um dos gestores que ajudasse o grupo. Durante o festival do babaçu, que é um festival anual que nosso grupo de mulheres faz que o prefeito Dr Junior que agora é ex-prefeito, ele ajudou nós no festival. Mas em relação a fábrica, pra chegar dizer assim, nós vamos ter um projeto pra vocês, pra fábrica vocês nós vamos beneficiar vocês em alguma coisa, nós nunca encontramos um gestor assim, até porque a gente produz geléia e se o gestor dissesse bota a geleia de vocês na merenda escolar e mesmo a gente procurando eles teve a maior burocracia. (Caju, entrevista concedida em 11 de janeiro de 2025 na comunidade Santana)

A frustração dela é evidente, pois, apesar dos esforços contínuos para buscar apoio, elas não encontraram gestores dispostos a realmente ajudar no fortalecimento do grupo e na

implementação de políticas públicas que beneficiem diretamente suas atividades.

O festival do babaçu, mencionado por Caju, parece ser uma das poucas oportunidades em que receberam algum tipo de apoio concreto. Isso destaca a importância de eventos comunitários como espaços de valorização e visibilidade, mas também evidencia a falta de um compromisso mais profundo e duradouro por parte das autoridades. O fato de um ex-prefeito ter contribuído para o festival, mas não ter avançado em propostas concretas para a fábrica de geleias, mostra uma abordagem pontual e limitada.

A roda de conversa, sem dúvidas, foi um momento enriquecedor de trocas de conhecimento. No entanto, é unânime que as mulheres desejam que suas companheiras das comunidades se juntem a essa luta. Apesar disso, ainda existe muita resistência e, muitas vezes, uma desvalorização por parte das próprias mulheres em relação à luta do grupo.

A Valorização também tem que vir das próprias mulheres da comunidade, porque a gente fala que o homem desvaloriza a gente, mas às vezes é a própria companheira que mora do lado que desvaloriza. Diz que vai ali fazer o quê? Porque as que participam tem tempo demais, é por isso que está lá. Então, se a gente conseguisse mudar um pouquinho da mentalidade das pessoas, as mulheres que estão à nossa volta, eu acho que elas viessem participar, seria muito mais fácil a luta, porque a comunidade é tão grande, mas a gente vê poucas pessoas, são poucas mulheres que abraçam essa causa. Porque tem gente que visa mais a questão do lucro, mas não a valorização do produto, do território da luta. (Seriguela, entrevista concedida em 11 de janeiro de 2025 na comunidade Santana)

Além da desvalorização que pode vir dos homens, muitas vezes são as próprias mulheres que desmerecem as ações e a dedicação das companheiras. Essa dinâmica revela um desafio adicional: a necessidade de construir solidariedade e empatia entre as mulheres, para que todas compreendam a importância de se unirem em torno de uma causa comum.

As mulheres têm conquistado seu espaço na sociedade com muita luta e determinação. Essa mudança é super importante e demonstra o avanço na busca pela igualdade de gênero e pelo reconhecimento do papel das mulheres em diferentes aspectos da vida.

Com muitas lutas, as mulheres vêm conquistando cada dia mais seu lugar, com a evolução da sociedade e com atitudes marcantes as mulheres ganham espaço na política, na educação, na cultura, no mercado de trabalho, tem-se aceitado o próprio corpo e também apresentando sua vida profissional do jeito que almeja. (Cardoso e Taveira, 2017, p. 57)

O espaço que elas estão conquistando na política, educação, cultura e mercado de trabalho mostra que suas vozes estão sendo ouvidas e valorizadas. Além disso, a emancipação feminina se manifesta na aceitação do próprio corpo e na liberdade de expressar suas vidas profissionais de acordo com seus desejos. Mesmos assim, podemos destacar que a participação das mulheres, uma maioria minorizada, onde 13 % das mulheres ocupam cargo de gestora municipal, ou seja, são prefeitas (Diniz, 2024, manchete da reportagem), e atualmente, as mulheres ocupam **18,5% das cadeiras no Senado Federal**, com 15 senadoras entre os 81 parlamentares da Casa. Nos ministérios, o governo Lula conta com **10 ministras mulheres**, o que representa cerca de **29,4%** do total de 34 ministérios. (Brasil, 2025)

4.3. Organização econômica e autonomia financeira das mulheres quilombolas Santana

A seguir, abordaremos as questões econômicas que envolvem o grupo de Mulheres Santana. Vamos explorar como essas mulheres têm se organizado para enfrentar os desafios econômicos e quais estratégias têm adotado para promover a autonomia financeira. Além disso, discutiremos as oportunidades e obstáculos que elas encontram em suas atividades, bem como o impacto de suas iniciativas na comunidade local. A análise dessas questões é fundamental para entender o papel do grupo na promoção da emancipação feminino e no fortalecimento da economia da região.

Enquanto os homens saem em busca de benefícios e melhorias para a associação, as mulheres assumem a responsabilidade de manter o lar e sustentar a família. Essa narrativa evidencia o papel fundamental das mulheres na manutenção da vida comunitária, mostrando que, embora muitas vezes não sejam reconhecidas, elas são os verdadeiros pilares que sustentam o quilombo.

Eu me lembro de estar dentro de casa, meu pai sair em busca de algum benefício para a associação e minha mãe segurar a casa durante uma semana. Sempre se fala que os homens saíram para a luta, para a benfeitoria para a comunidade, mas eram as mulheres que seguravam a barra dentro do quilombo. As mulheres sempre estiveram dentro das comunidades. Se acontecesse algo diferente e os maridos delas não estivessem, eram essas mulheres que encaravam. Os homens vão para a luta, mas as mulheres permanecem. (Barizão, 2020. p.18)

A autora revela muito bem a força e a resiliência das mulheres nas comunidades quilombolas, que muitas vezes são invisibilizadas em meio às narrativas sobre a luta por melhorias e benefícios. Enquanto os homens são frequentemente reconhecidos por suas ações fora de casa, as mulheres desempenham um papel crucial ao manter a estrutura familiar e comunitária. Elas não apenas sustentam o lar, mas também enfrentam desafios e garantem a continuidade da vida no quilombo.

Na comunidade quilombola Santana do Adroaldo e nas comunidades vizinhas, é bastante comum que os homens viajem para fora do estado em busca de trabalho e melhores condições de vida, enquanto as mulheres permanecem na comunidade, cuidando da família e dos filhos. No entanto, as integrantes do grupo de mulheres não se contentam em ficar apenas em casa enquanto seus maridos estão no trabalho. Elas atuam na fábrica e, mesmo sem receber um salário fixo todos os meses, sua contribuição é significativa e representa uma ajuda valiosa para o sustento da casa. Essa atitude demonstra a determinação e a força dessas mulheres em buscar autonomia e participar ativamente da economia familiar, desafiando os papéis tradicionais de gênero na comunidade.

Nosso grupo não é um grupo que tem lucro que dá para a gente ficar esperando. Nosso grupo é um grupo, ele já é antigo, para ganhar uma renda extra. A nossa renda contribui um pouco também para a renda da família mas ainda é muito pouco, a gente às vezes passa meses sem trabalhar, às vezes trabalha uma vez no mês. A gente recebe se tiver dinheiro no grupo, recebe. Se não a gente vai esperar o grupo vender os produtos para poder pegar no recurso. (Manga, entrevista concedida em 9 de outubro de 2024 na comunidade Santana)

A fala da entrevistada revela a realidade desafiadora enfrentada pelo grupo de mulheres na busca por uma renda extra. Ela destaca que a natureza do grupo não é voltada para o lucro imediato, mas sim para a geração de oportunidades que, embora valiosas, ainda são limitadas. A incerteza sobre a frequência do trabalho e a dependência da venda dos produtos para receber um pagamento mostram que ainda há um bom caminho para se percorrer até o sucesso financeiro do grupo.

Manga também comentou na roda de conversa, de uma maneira bastante dinâmica ao ser questionada sobre o que poderia ser feito para que o grupo tivesse mais autonomia financeira e alcançasse seus objetivos.

Mais projetos para melhorar o grupo, melhorar a estrutura, melhorar o físico do grupo e o deslocamento para que possamos mandar nossos produtos para outros locais. (Manga, entrevista concedida em 11 de janeiro de 2025 na comunidade Santana)

A importância de implementar mais projetos voltados para o desenvolvimento e a melhoria das vendas e até mesmo da estrutura da fábrica, enfatiza a necessidade de transformações significativas em vários aspectos que impactam diretamente a vida do grupo. Uma boa estrutura é fundamental para garantir eficiência e qualidade na produção dos produtos que o grupo oferece, além de proporcionar um ambiente mais seguro e confortável para os membros.

Acerola, outra sócia e uma das gerentes do grupo de mulheres, também enfatizou que, embora ainda não possuam um caixa capaz de garantir um pagamento mensal para as sócias, a ajuda financeira que conseguem oferecer é de suma importância. Essa contribuição, mesmo que modesta, representa um suporte significativo para as mulheres e suas famílias, ajudando a aliviar as dificuldades financeiras do dia a dia.

Nosso grupo não tem uma caixa que possa estar dando para nossas sócias todos os meses uma quantia. A gente produz o licor e vende e fica esperando receber o recurso que é para poder ser pago as diárias. Mas é uma ajuda que ajuda bastante em casa quando entra. Mas às vezes a gente passa de mês, dois meses sem nem trabalhar. (Acerola, entrevista concedida em 9 de outubro de 2024 na comunidade Santana)

Apesar dessas dificuldades, Acerola ressalta a importância da ajuda financeira que conseguem oferecer quando as vendas ocorrem. Mesmo que de forma irregular, essa renda extra representa um alívio significativo para as famílias, evidenciando como o trabalho coletivo pode proporcionar suporte em momentos de necessidade. O trecho também reflete a resiliência e a determinação dessas mulheres em continuar seu empreendimento, mesmo diante de obstáculos.

Um aspecto muito importante em relação ao financeiro do grupo é que, quando uma das integrantes enfrenta dificuldades financeiras, ela pode contar com a possibilidade de obter um empréstimo do grupo. Nesses momentos, toda ajuda é extremamente valiosa e faz uma grande diferença na vida de quem está precisando.

Além disso, houve uma situação em que as mulheres, em comum acordo, decidiram unir forças e doar uma quantia para ajudar a filha de uma das sócias, que necessitava de dinheiro para realizar uma cirurgia. Essa ação demonstra não apenas a solidariedade entre as

integrantes do grupo, mas também a importância do apoio em tempos de crise. Essas iniciativas revelam o compromisso das mulheres em cuidar umas das outras e fortalecer laços comunitários, mostrando que a união e a empatia são fundamentais para enfrentar os desafios da vida cotidiana.

A transformação no papel das mulheres na sociedade é notável que vem se intensificando nas últimas décadas. Historicamente, as mulheres eram limitadas a funções domésticas e cuidados familiares, mas atualmente estão rompendo essas barreiras como profissionais, mães e esposas.

Atualmente, percebe-se uma mudança muito grande no perfil das mulheres, que antigamente realizavam apenas tarefas tradicionais, como cuidar da casa e dos filhos. Elas estão competindo de igual para igual com os homens e estão correndo atrás do tempo perdido. Trabalham fora e realizam ainda as tarefas tradicionais, além de serem mãe e esposa. Tudo isso graças às lutas dos movimentos feministas a partir da década de 70, envolvendo a entrada feminina nas decisões políticas e de seus interesses na agenda governamental. (Carvalho, 2011. p. 150)

Esse trecho destaca uma transformação significativa no papel das mulheres na sociedade, que agora se desdobram em múltiplas funções, equilibrando trabalho e responsabilidades familiares. Essa evolução é o resultado das lutas incansáveis dos movimentos feministas desde a década de 70.

Hoje, mulheres como as integrantes do grupo podem trabalhar e buscar melhorias em suas vidas graças às conquistas desses movimentos, que batalharam arduamente por seus direitos e pela igualdade de oportunidades. A luta por reconhecimento e autonomia possibilitou que muitas mulheres se tornassem protagonistas de suas histórias.

Tamarindo, uma das entrevistadas, ressalta a importância da renda gerada pelo grupo, mesmo que não seja constante. Para ela, esse apoio financeiro representa não apenas uma fonte de sustento, mas também um símbolo de emancipação e independência. A união e a colaboração entre as mulheres do grupo têm um impacto significativo em suas vidas, permitindo que elas enfrentem desafios com mais confiança e autonomia.

Tem contribuído bastante. Apesar do trabalho não ser tão constante, as diárias que a gente consegue pelo grupo, fazendo as atividades da fábrica,

tem contribuído bastante. Isso é uma renda que ajuda muito. Apesar de não ser uma renda tão constante, uma renda diária, todo mês, mas o que a gente consegue fazer no grupo ajuda bastante. (Tamarindo, entrevista concedida em 9 de outubro de 2024 na comunidade Santana)

O trabalho do grupo não se reduz apenas a gerar uma fonte de renda, mas também fortalece laços sociais e cria um ambiente de apoio para essas mulheres, onde cada conquista é celebrada, mesmo que pequena, pois a cada fala elas revelam uma perseverança e sem reivindicações em relação a não terem a independência financeira que elas tanto almejam, mas sim buscam celebrar a cada vitória alcançada por elas.

Jenipapo, uma das entrevistadas, menciona que, além do suporte financeiro que recebem, as integrantes do grupo também têm a oportunidade de adquirir novos conhecimentos. Esse aspecto é fundamental, pois demonstra que elas buscam não apenas a autonomia financeira, mas também o desenvolvimento pessoal e profissional.

Não é uma renda tão grande financeiramente, mas a gente tem vários conhecimentos, e eu trabalho bem e no final do ano eu vejo que de certa forma entra um extra na minha renda familiar, além dos conhecimentos adquiridos. (Jenipapo, entrevista concedida em 9 de outubro de 2024 na comunidade Santana)

A fala da entrevistada é de suma importância, pois mesmo que a quantia financeira não seja significativa, o aprendizado e as habilidades que desenvolve ao longo do ano trazem um impacto positivo em sua vida. Essa visão mostra que o grupo dá valor não só a ajuda financeira, mas também crescimento pessoal e profissional.

Na entrevista, a entrevistada Manga também evidencia que, além da produção e da renda que elas conseguem gerar, as participantes também têm a oportunidade de aprender uma variedade de novas habilidades e conhecimentos. Ela enfatiza que essas experiências vão além do aspecto financeiro, pois as mulheres envolvidas no grupo têm a chance de visitar diferentes lugares e participar de atividades que enriquecem seu aprendizado.

[...] eu comecei a participar das reuniões do grupo, participar de oficinas, de formação para trabalhar na fábrica. Para trabalhar, a gente tem que ter muita formação sobre higiene da casa, higiene pessoal, formação mesmo para trabalhar no licor e na geleia, participamos das reuniões na comunidade, fora da comunidade, eu participo dos planejamentos, eu ajudo a executar os

planejamentos e também trabalho na fábrica, na limpeza da fábrica, na limpeza ao redor da fábrica e trabalho na produção e também no roço do abacaxi. (Manga, entrevista concedida em 9 de outubro de 2024 na comunidade Santana)

A participação em reuniões e oficinas, destaca a importância da formação contínua para o trabalho na fábrica, enfatizando que o conhecimento sobre higiene da casa e higiene pessoal é fundamental. Isso não apenas demonstra uma preocupação com a qualidade dos produtos que produzem, como também reflete que o coletivo e a força de vontade dessas mulheres em buscar conhecimentos e evolução são algo a se orgulhar.

Um momento decisivo na vida das mulheres, foi quando elas começam a perceber que podem sair da situação de subordinação e conquistar seu espaço. Ao se envolverem em movimentos e associações, elas não apenas se tornam mais participativas, mas também ganham reconhecimento e valorização na sociedade.

A partir do momento que a mulher compreendeu que poderia sair da situação de subordinação e passar a conquistar seu espaço através da participação em movimentos e associações, fazendo com que a sociedade percebesse seu valor, inicia-se o rompimento da sua condição de receptora passiva, passando a ser mais participativa e valorizada, principalmente como ser humano, considerando que todos são iguais perante a lei. (Carvalho, 2011. pp. 145-146)

Ao se libertar e se tornarem mais visíveis e ativas, mesmo que por querer mais autonomia e/ou em busca de conhecimentos elas reafirmam sua dignidade e igualdade, contribuindo para a construção de uma sociedade mais justa e inclusiva, onde todos são tratados com respeito e equidade.

O exemplo do grupo de mulheres Santana é de grande relevância tanto para a comunidade quanto para o município. A organização e a força de vontade dessas mulheres demonstram como a união pode ser uma poderosa ferramenta de transformação social. Por meio de suas ações coletivas, elas não apenas melhoram suas próprias condições de vida, mas também inspiram outras mulheres a se mobilizarem em busca de seus direitos e oportunidades.

CONCLUSÃO

Em síntese, a Casa do Doce: Grupo de Mulheres Quilombola Santana, de São Luís Gonzaga do Maranhão, e sua emancipação econômica, representa não apenas uma luta pela autonomia e reconhecimento, mas também um exemplo inspirador de resistência e emancipação feminino em um contexto de desigualdade. Este trabalho por sua justificativa busca dar voz a essas histórias inspiradoras e evidenciar como a união e a emancipação feminino são fundamentais para desafiar estruturas patriarcais. Ao celebrar as vitórias do grupo Santana, reforçamos a importância de iniciativas que promovem igualdade de gênero e autonomia econômica, contribuindo assim para um futuro mais justo e inclusivo para todas as mulheres.

Este trabalho dedicou - se a explorar a trajetória das mulheres da comunidade quilombola Santana do Adroaldo, em São Luís Gonzaga do Maranhão, e revelou suas lutas e formas de resistência. A pesquisa não se aprofunda na história da comunidade Santana como descrito nos objetivos, mas ela evidencia com clareza como o grupo de Mulheres se organizam em âmbitos político, social e econômico para enfrentar desafios e promover transformações em suas vidas e na comunidade.

Acreditava-se que a falta de conhecimento da comunidade sobre a história do grupo impede uma maior valorização do seu trabalho. De fato, apenas aqueles que não acompanham o grupo de perto tendem a menosprezar suas ações e conquistas. As pessoas que estão envolvidas, como os familiares das socias, possuem uma compreensão mais profunda do impacto que o Grupo de Mulheres Santana tem na vida comunitária, testemunhando as transformações sociais resultantes do engajamento feminino em diversas áreas, como política, economia e cultura. Por outro lado, aqueles que desconhecem a história ou as atividades do grupo costumam formar opiniões baseadas em estereótipos ou preconceitos, levando à desvalorização do trabalho realizado pelas mulheres.

Além disso, os principais fatores que perpetuam a desigualdade de gênero na comunidade e sua relação com a falta de informação sobre emancipação. Os fatores que mantêm essa desigualdade são complexos e incluem o medo que muitos homens sentem diante do emancipação feminina. Esse medo pode se manifestar em preconceitos e resistência à mudança, resultando na reprodução de normas patriarcais que limitam o papel das mulheres na sociedade. Quando as mulheres começam a reivindicar seus direitos e buscar maior autonomia, algumas percebem isso como uma ameaça à masculinidade tradicional, gerando

um ambiente hostil onde as mulheres se sentem desencorajadas a se expressar ou agir em busca de seus objetivos.

Entre os obstáculos enfrentados por essas mulheres, um deles foi a difícil tarefa de conciliar suas responsabilidades familiares com o ativismo social. Muitas mulheres enfrentam resistência dentro de casa ao tentarem convencer seus parceiros sobre a importância de buscar conhecimento fora da comunidade, o que pode dificultar ainda mais a emancipação feminino e a participação ativa dessas mulheres nas questões sociais. Esse desafio é intensificado pelo papel de mãe, que traz à tona dilemas que exigem não apenas coragem, mas também um diálogo constante sobre os papéis e responsabilidades

A força coletiva dessas mulheres demonstra que, juntas, elas são capazes de enfrentar adversidades e promover mudanças significativas em suas comunidades. Assim, buscam por igualdade em seu município, estado e país, tornando-se uma fonte de inspiração para outras mulheres.

A casa do doce como é chamada carinhosamente por suas sócias surgiu de uma inquietação sobre a perda de mangas na comunidade e a necessidade de um espaço onde essas mulheres pudessem se reunir, compartilhar conhecimentos e desenvolver habilidades que fossem além da tradição familiar.

Ademais, evidenciamos os desafios enfrentados pelas mulheres do grupo, como a resistência social e a falta de recursos, que muitas vezes dificultam suas ações. Esses obstáculos não apenas refletem a desigualdade de gênero que ainda é existente na sociedade, mas também ressaltam a necessidade urgente de políticas públicas que garantam suporte adequado a iniciativas como a do grupo de mulheres Santana. A resiliência e a determinação dessas mulheres são inspiradoras e demonstram que a união pode ser uma poderosa ferramenta de transformação.

Um exemplo de perseverança e transformação é a evolução da casa do doce, que começou de forma simples, com mulheres se reunindo em uma casa de taipo e utilizando apenas duas panelas para produzir seus produtos. Hoje, essa iniciativa se expandiu e conta com uma estrutura muito melhorada, permitindo não apenas o crescimento do negócio, mas também o fortalecimento do grupo e a emancipação dessas mulheres.

O grupo de Mulheres Santana não é apenas um grupo que produz licor e geleia, o grupo também promove com que as mulheres participem de palestras sobre seus direitos,

economia, preservação do meio ambiente e oficinas que ajudam elas a perceberem que são capazes de ser agentes de transformação na sua comunidade.

O trabalho desenvolvido por esse grupo tem gerado um impacto significativo na comunidade, tanto na economia das mulheres quanto no reconhecimento da comunidade em outros locais, pois através do grupo alguns olhares que não conheciam a comunidade passaram a conhecer, e se sentiram atraídos a conhecer mais a história da comunidade e do grupo de mulheres.

Portanto, é essencial que as políticas públicas sejam ampliadas para apoiar iniciativas como a do grupo de mulheres Santana, garantindo recursos e visibilidade para suas atividades. O investimento em programas que promovam a emancipação feminino e o fortalecimento das lideranças locais é crucial para assegurar que essas vozes sejam ouvidas e respeitadas. A sociedade como um todo deve se engajar na luta pela equidade de gênero, reconhecendo o valor das contribuições femininas nas diversas esferas da vida social.

Assim, ao refletirmos sobre a trajetória do grupo de mulheres Santana, percebemos que o fortalecimento da voz feminina é fundamental para a construção de um futuro mais justo e igualitário. A luta delas não é apenas por seus direitos individuais, mas pela transformação de toda a sociedade. É um chamado à ação para todos nós: apoiar essas iniciativas é promover um mundo onde todas as mulheres possam ter oportunidades iguais e onde suas histórias sejam valorizadas. O exemplo do grupo Santana nos ensina que quando as mulheres se unem em prol de um objetivo comum, elas têm o poder de mudar não apenas suas vidas, mas também o conjunto social ao seu redor.

A partir dessas pesquisa sugere-se aprofundar pesquisas sobre o tema que poderiam investigar O Impacto da Emancipação Feminino nas Comunidades Tradicionais, onde o objetivo principal seria analisar o impacto das iniciativas como o do Grupo de Mulheres Santana na qualidade de vida das mulheres e na dinâmica social e econômica da comunidade. A pesquisa buscaria entender como a emancipação feminino promovido pelo grupo influencia a autoestima, a autonomia financeira e as percepções de gênero dentro do contexto local.

A pesquisa sobre a Casa do Doce: Grupo de Mulheres Quilombola Santana, de São Luís Gonzaga do Maranhão, e sua emancipação econômica representa um importante avanço no campo científico, especialmente nas áreas de estudos de gênero, economia solidária e desenvolvimento comunitário. Este tema é crucial não apenas para entender as dinâmicas

sociais e econômicas que moldam a vida das mulheres quilombolas, mas também para reconhecer o papel vital que essas mulheres desempenham na promoção da autonomia e do desenvolvimento sustentável em suas comunidades.

Ao investigar as práticas e iniciativas da Casa do Doce, a pesquisa revela como as mulheres quilombolas estão se organizando para superar barreiras históricas e estruturais que limitam seu acesso a recursos e oportunidades. A emancipação econômica dessas mulheres não é apenas uma questão de geração de renda; trata-se de um processo mais amplo de afirmação da identidade cultural, fortalecimento da comunidade e luta por direitos.

Além disso, essa pesquisa contribui para o entendimento das interseções entre cultura, tradição e inovação econômica. A Casa do Doce não apenas promove a produção e comercialização de geleias e licores, mas também fortalece as mulheres.

A relevância desse estudo se estende além do contexto local, pois os resultados podem servir como referência para outras comunidades que buscam estratégias similares de emancipação econômica. Ao documentar as experiências bem-sucedidas do Grupo de Mulheres Quilombola Santana, a pesquisa oferece um modelo inspirador que pode ser replicado em diferentes contextos, promovendo uma rede de solidariedade entre mulheres em todo o Brasil.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. **Quilombos e as novas etnias**. 3. ed. Manaus: UEA Edições, 2020.

ALMEIDA, Márcia Regina Galvão de ; NASCIMENTO, Elaine Ferreira do. **MULHER QUILOMBOLA: ancestralidade e resistência como caminho da saúde e bem viver**.

ARGUEDAS, Marta. **Feminismos comunitários na América Latina**. São Paulo: Elefante, 2019.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 10520:2023: Informação e documentação – Citações em documentos – Apresentação. Rio de Janeiro: ABNT, 2023.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 6023:2018: Informação e documentação – Referências – Elaboração. Rio de Janeiro: ABNT, 2018.

BARIZÃO, Débora et al. **Mulheres quilombolas: territórios, identidade e lutas na construção de políticas públicas, 2020**. SOF Sempreviva Organização Feminista, São Paulo, outubro de 2020.

BARTH, Fredrik. **Os grupos étnicos e suas fronteiras: a organização social da diferença cultural**. In: POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. Teorias da etnicidade. 2. ed. São Paulo: UNESP, 1997. p. 185-227.

BARTH, Fredrik. **Os grupos étnicos e suas fronteiras**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1997.

BRASIL. **Ministérios do governo Lula**. Disponível em: <https://www.gov.br>. Acesso em: 8 abr. 2025.

BRASIL. **Senado Federal: composição atual**. Disponível em: <https://www25.senado.leg.br>. Acesso em: 8 abr. 2025.

BRAZIL, Luciana. **No século xxi mulheres ainda travam batalhas contra preconceito e discriminação**, 2015. disponível em: <https://www.sead.ms.gov.br/no-seculo-xxi-mulheres-ainda-travam-batalhas-contrapreconceito-e-discriminacao/> Acesso em : 22 out. 2024.

CAETANO, Janaína Oliveira; CASTRO, Helena Carla. **DANDARA DOS PALMARES: UMA PROPOSTA PARA INTRODUIR UMA HEROÍNA NEGRA NO AMBIENTE ESCOLAR**. REHR | Dourados, MS | v. 14 | n. 27 | p. 153-179 | Jan. / Jun. 2020

CARDOSO, Fabiana Ribeiro; TAVEIRA, Ana Celuta Fulgêncio. **As mulheres na sociedade brasileira e o princípio da igualdade**. Disponível em: <https://www.revistas.unifan.edu.br/index.php/RevistaICJ/article/download/451/362> Acesso em: 30 nov. 2023.

CARNEIRO, Sueli. **Mulheres em movimento**. Estudos avançados 17 (49):117–133, 2003.

CARNEIRO, Sueli. **Escritos de uma vida**. São Paulo: Jandaíra, 2019.

CARVALHO, Débora Jucely. **A conquista da cidadania feminina**. Disponível em : <https://uniesp.edu.br/sites/biblioteca/revistas/20180403120759.pdf> Acesso em: 01 dez. 2023.

DINIZ, Marcela. **727 municípios serão governados por mulheres em 2025**. Rádio Senado, Brasília, 27 out. 2024. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/radio/1/noticia/2024/10/27/727-municipios-serao-governados-por-mulheres-em-2025>. Acesso em: 8 abr. 2025. Duração: 03min05s.

FORTES, Paulo; LUCCHESI, Camila. **Roda de conversa: uma metodologia participativa para a promoção da saúde**. Interface: Comunicação, Saúde, Educação, Botucatu, v. 17, n. 47, p. 57-69, 2013.

Franco, Vivian Ferreira. **Organização E Trabalho Do Grupo De Mulheres Quilombolas “As Perobas”, Na Produção De Alimentos E Na Conservação Da Natureza, No Quilombo Ribeirão Grande E Terra Seca, Na Barra Do Turvo, São Paulo**. Araras, 2021.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOMES, Flávio dos Santos. **Mocambos e quilombos: uma história do campesinato negro no Brasil**. São Paulo: Claro Enigma, 2022.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano**. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

LOPES, Adriana L; BUTTO, Andrea. **Mulheres na Reforma Agrária a experiência recente no Brasil**. MDA: Brasília, 2008.

LUCAS, Carina da Silva; ANCELMO, Lúcia Aparecida. **Os desafios do empreendedorismo feminino**, 2022. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/download/38299/32118/422584> Acesso em: 22 out. 2024.

LUSA, Mailiz Garibotti. **Movimentos sociais e mulheres: identidades e lutas**. Disponível em: <http://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinpp2017/pdfs/eixo3/movimentossociaisemulheresidentidadeselutas.pdf> Acesso em: 30 nov. 2023.

MACIEL, Ana Paula; BRUM, Juliana; DEL BIANCO, Tatiane; COSTA, Priscila. **Pesquisa com comunidades tradicionais: desafios éticos e metodológicos**. Revista de Bioética, Brasília, v. 27, n. 1, p. 163-171, 2019.

MARQUES, Louise Hermania de Oliveira; **MULHERES QUE AMAM MULHERES: Direitos Humanos, Territórios e Visibilidade**. João Pessoa-PB Outubro/2021

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; BARBOSA, Fabíola Holanda. **História oral: como fazer, como pensar**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2007.

MENDES, Gabriella da Silva; FONSECA, Alexandre Brasil Carvalho da. **MATERNIDADE E CARREIRA: DESAFIOS E IMPACTOS PARA AS MULHERES MÃES**. Disponível em: https://mail.editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2022/TRABALHO_EV174_MD1_ID10088_TB67_27052022215736.pdf acesso em: 29 jan. 2025.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Cuidar de quem cuida de idosos dependentes: por uma política necessária e urgente**. Ciência & Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, v. 26, n. 1, p. 7-15, jan. 2021.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Violência e saúde**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2006.

Mulheres no mercado de trabalho: como é a situação atual?. Unicesumar educação a distância. 29, agosto, 2019. Disponível em: <https://www.unicesumar.edu.br/blog/mulheres-no-mercado-de-trabalho/> Acesso em 01 dez. 2023.

ONU MULHERES. **Mulheres quilombolas: liderança e resistência para combater a invisibilidade**, 2017. Disponível em: <https://www.onumulheres.org.br/noticias/mulheres-quilombolas-lideranca-e-resistencia-para-combater-a-invisibilidade/> Acesso em: 27 jan. 2024.

PEREIRA, Rosângela Saldanha; SANTOS, Danielle Almeida; BORGES, Waleska. **A mulher no mercado de trabalho**. Disponível em: http://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinppIII/html/Trabalhos2/waleska_Rosangela_Danielle321.pdf Acesso em: 01 dez. 2023.

PONTES, Maria Cristina Cordeiro Lopes STEWARD, Angela May. **INVISIBILIDADE DA PLURIATIVIDADE DA MULHER QUILOMBOLA : O CASO DE MAJURI**. Agricultura Familiar: Pesquisa, Formação e Desenvolvimento • Belém • v.13 , no2 • p. 186-207 • jul-dez 2019.

Por que a pesquisa científica é tão importante para nossa vida cotidiana?. Hotcourses Brasil. Disponível em: <https://www.hotcourses.com.br/study-abroad-info/careers-prospects/qual-a-importancia-da-pesquisa-cientifica/#:~:text=A%20pesquisa%20cient%C3%ADfica%20%C3%A9%20respons%C3%A1vel,tempo%20todo%20na%20nossa%20vida>. Acesso em : 03 abr. 2024.

QUEIROZ, Daniela Mendes. **Mulheres do campo, reconhecimento e trabalho na construção de outras economias em Porteirinha - MG.** Repositório ufmg, 2018. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1843/NCAP-B58HL8> Acesso em 01 dez. 2023.

SANTOS, Anita, et al. **Meninas, mulheres e escolarização: um direito consolidado?** . Disponível em: https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2015/TRABALHO_EV045_MD1_SA11_ID7777_09092015123141.pdf Acesso em : 23 out. 2024.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **O futuro começa agora: da pandemia à utopia.** São Paulo: Boitempo, 2021.

SANTOS, Vitoria Carmo dos , et al. **MULHERES QUILOMBOLAS E SUAS EXPERIÊNCIAS DE ORGANIZAÇÃO - SÍTIO SANTANA, LAMARÃO/BA.** Revista Conexão UEPG, 2018.

SILVA, Eliane Maria da; OLIVEIRA, Karolliny Emanuely Souza de; BRUTSCHER, Volmir José. **A IMPORTÂNCIA DOS MOVIMENTOS SOCIAIS PARA A FORMAÇÃO DE UMA SOCIEDADE MAIS DEMOCRÁTICA.** Disponível em: https://editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2021/TRABALHO_EV150_MD1_SA105_ID2411_28072021175239.pdf Acesso em: 18 out. 2024.

SINGER, Paul. **Economia solidária: um modo de produção e distribuição.** São Paulo: Contexto, 2018.

SOARES, Maria Raimunda Penha; **Lutas e resistências quilombolas no Brasil: um debate fundamental para o Serviço Social,** 2020.

SOARES, Maria Raimunda Penha. **Territórios insurgentes: a tecitura das lutas e das resistências de mulheres quilombolas.** Rio das Ostras, RJ. 2021.

SOUSA, Luciana Cristina Romeu; TRINDADE, José Raimundo. **A inserção da mulher no mercado de trabalho brasileiro e paraense: Avanços e vulnerabilidades em período recente (2000/ 2014).** Disponível em: <http://abet-trabalho.org.br/wp-content/uploads/2020/12/GT-6.pdf> Acesso em: 01 dez. 2023.

SOUSA, Rosania Rodrigues de, et al. **A igualdade terá o rosto da mulher.** edição: 2021 Direitos reservados desta edição: Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Disponível em: https://www.ufrgs.br/cegov/files/pub_163.pdf Acesso em: 22 out. 2024.

SOUZA, Claudenir de, et al. **Mulheres negras contam sua história.** Brasília, DF: SEPPIR, 2013. 296p. Disponível em: <http://www.seppir.gov.br/assuntos/Livromulheresnegrascontamsuahistoria.pdf> . Acesso em: 17 out. 2014.

TINOCO, Dandara. **Descrita como heroína, Dandara, mulher de Zumbi, tem biografia cercada de incertezas.** O Globo, 2014. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/sociedade/historia/descrita-como-heroína-dandara-mulher-de-zumbi-tem-biografia-cercada-de-incertezas-14567996>. Acesso em: 21 out. 2024.

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

de Sousa Silva, Maria Brena.

A CASA DO DOCE: GRUPO DE MULHERES QUILOMBOLAS SANTANA,
SÃO LUÍS GONZAGA DO MARANHÃO E SUA EMANCIPAÇÃO ECONÔMICA /
Maria Brena de Sousa Silva. - 2025.

73 p.

Orientador(a): Pedro Henrique Gomes Xavier.

Curso de Educação do Campo, Universidade Federal do
Maranhão, Bacabal- Maranhão, 2025.

1. Mulheres Quilombolas. 2. Emancipação Econômica. 3.
Gênero. I. Gomes Xavier, Pedro Henrique. II. Título.